

Quem Disse que  
Estou Só Brincando?



**Eduardo Paes**

Prefeito do Rio de Janeiro

**Claudia Costin**

Secretária Municipal de Educação – SME

**Cleide Ramos**

Presidente da Empresa Municipal de  
Multimeios – MultiRio

**Lucia Maria Carvalho de Sá**

Chefe de Gabinete

**Ricardo Petracca**

Diretor de Mídia e Educação

**Sergio Murta Ribeiro**

Diretor de Administração e Finanças

# Quem Disse que Estou Só Brincando?

.....  
Série televisiva: textos complementares



# Quem Disse que Estou Só Brincando?

.....  
Série televisiva: textos complementares



**MULTIRIO - Empresa Municipal de Multimeios Ltda.**

Largo dos Leões, 15 • Humaitá • Rio de Janeiro/RJ • Brasil • CEP 22260-210

Tel.: (21) 2976-9432 • Fax: (21) 2535-4424

[www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br) • [ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br](mailto:ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br)



## Apresentação

A Secretaria Municipal de Educação e a MultiRio entregam, neste momento, a todas as escolas da Rede Municipal de Ensino o fascículo da série televisiva *Quem Disse que Estou Só Brincando?*, relativo à prática da Educação Física nas escolas.

Seguidamente nos deparamos com a dificuldade de definir os conteúdos curriculares que deverão compor a disciplina.

O consultor da série, Prof. Dr. Luiz Otavio Neves Mattos, membro do Conselho Municipal de Educação, indicou-nos caminhos mais abrangentes e referendados por concepções teórico-metodológicas mais atualizadas e que permitem embasar esse trabalho na escola.

Na verdade, essa disciplina, como afirma o consultor, “trata pedagogicamente os conhecimentos do campo da saúde e das práticas lúdicas e corporais produzidas, historicamente, por crianças, jovens, adultos e idosos”.

Isso nos levou a realizar a série televisiva nas seguintes vertentes: Educação Física e Saúde; Educação Física e Cultura; Esporte e Trabalho; Educação Física e Lazer; e Educação Física, Valores e Atitudes.

Desejamos que as orientações e atividades aqui propostas realimentem os professores na construção de seu trabalho.



**Claudia Costin**

Secretária Municipal de Educação – SME



## Prefácio

A série televisiva produzida pela MultiRio *Quem Disse que Estou Só Brincando?*, composta de cinco episódios, destaca aspectos inovadores da Educação Física, balizados por uma visão de desenvolvimento humano integrado pelo desenvolvimento corporal, sociocultural, profissional e de convivência sob atitudes e valores éticos, com direito ao lazer.

O presente fascículo explora as possibilidades de trabalho que o professor terá após assistir aos programas da série. A cada capítulo, sugestões de práticas corporais e culturais são descritas em detalhes, ampliando o leque de atividades entre professores e alunos. O fascículo apresenta, ainda, bibliografia complementar à leitura oferecida.

A MultiRio espera, com esta série, contribuir com as escolas da Rede Municipal para um trabalho de qualidade na disciplina de Educação Física.



**Cleide Ramos**

Presidente da MultiRio



## Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>10</b>
<b>Educação Física e Educação para a Saúde .....</b>	<b>13</b>
<b>Educação Física e Cultura – Educação Física É Cultura .....</b>	<b>21</b>
<b>Esporte e Trabalho .....</b>	<b>31</b>
<b>Educação Física e Lazer .....</b>	<b>39</b>
<b>Educação Física, Valores e Atitudes .....</b>	<b>47</b>
<b>Texto Complementar .....</b>	<b>55</b>

## Introdução

A Educação Física é a disciplina escolar que trata pedagogicamente os conhecimentos produzidos, historicamente, por crianças, jovens, adultos e idosos no âmbito das práticas lúdicas e corporais; ou melhor, ela deve selecionar e organizar em unidades e conteúdos de ensino os conhecimentos desse campo e construir metodologias que possibilitem a socialização desses conhecimentos no decorrer dos anos escolares da Educação Básica – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Ao pensarmos em uma publicação que tematizasse alguns conteúdos da Educação Física, tivemos que fazer opções que levassem em consideração dois importantes aspectos. O primeiro se refere ao próprio estado da arte desse componente curricular. Significa dizer que o estatuto epistemológico da Educação Física escolar encontra-se em pleno desenvolvimento, o que tem gerado encontros e desencontros, disputas e acordos que, historicamente, têm conformado o campo dessa disciplina.

O segundo aspecto origina-se do primeiro, ou seja, como o campo de conhecimentos encontra-se em construção, tudo pode caber como conteúdo de ensino. Nesse sentido, sublinhamos nossa responsabilidade ao escolhermos alguns temas como prioritários em relação a outros. Não se tratou de opção aleatória. Focamos em temáticas que estão presentes no cotidiano de nossas vidas, mas que não vêm sendo tratadas como conhecimentos possíveis de serem escolarizados.

Vários deles (conhecimentos/conteúdos) têm circulado no interior de nossas escolas – sob a forma de senso comum – sem que alguém (ou alguma área de conhecimento) os “assuma” como conteúdos merecedores de tratamento pedagógico para que sejam socializados entre os alunos.

O capítulo **Educação Física e Educação para a Saúde** revela a importância estratégica que a escola, em geral, e a Educação Física, em especial, têm em construir e consolidar conhecimentos que contribuirão para formar novas gerações que compreendam: a) a necessidade da adoção de estilos de vida mais saudáveis; e b) a saúde como um direito social de todos, independentemente de origem socioeconômica, local de moradia, etnia, etc.

A intenção principal expressa no capítulo **Educação Física e Cultura – Educação Física É Cultura** diz respeito à necessidade de os(as) alunos(as) compreenderem que os brinquedos, as brincadeiras, os jogos e os esportes são produções culturais da humanidade. Nesse sentido, o acervo de atividades/modalidades lúdicas e esportivas existentes no mundo e, em especial, no Brasil deve ser socializado pela escola para que nossos alunos possam vivenciá-las, preservá-las e modificá-las, entendendo a cultura como algo dinâmico.

No capítulo **Esporte e Trabalho**, tencionamos estimular o aluno a compreender o esporte como um ofício, para além de seu caráter de espetáculo e de entretenimento. As dificuldades que encontramos para descolar a *paixão* da *razão* quando nos dispomos a analisar esse fenômeno sociocultural – o esporte – são reveladoras da necessidade que temos de enfrentar essa temática e torná-la objeto de reflexão para nossos educandos.

Em **Educação Física e Lazer**, pretendemos fazer com que o aluno entenda o lazer como um direito social tão importante e necessário quanto os direitos à habitação, ao emprego, ao transporte, à educação e à saúde. Compreender o que se entende por lazer e desenvolver estratégias pedagógicas que possibilitem ao aluno se educar **pelo** e **para** o lazer também se configura como objetivo desse programa.

Por fim, **Educação Física, Valores e Atitudes** aborda, prioritariamente, as temáticas da tolerância e do respeito às diversidades no interior da escola. Para isso, se valerá dos conteúdos clássicos da disciplina de Educação Física para provocar reflexões e debates sobre o direito e o respeito às diferenças: de habilidades intelecto-motoras; religiosas; oriundas das deficiências físicas e/ou intelectuais; de orientação sexual; de compleição física; etc.

Esperamos que tanto os conhecimentos/conteúdos propostos como a forma pela qual estão sendo apresentados em *Quem Disse que Estou Só Brincando?* tenham impacto positivo na prática cotidiana de professores e alunos da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. Nossa intenção não foi sugerir fórmulas fechadas para serem aplicadas nas diversas realidades que compõem o cenário escolar carioca, mas apresentar propostas pedagogicamente criativas e academicamente referenciadas.

**Luiz Otávio Neves Mattos**

Professor de Educação Física e Conselheiro Municipal de Educação



# Educação Física e Educação para a Saúde

---



O conteúdo que será abordado neste capítulo refere-se a uma concepção ampliada da promoção da saúde, entendida como uma questão de caráter coletivo. Ou seja, que requer a participação de toda a comunidade e que envolve a aquisição – individual e coletiva – de qualidade de vida. Nesse sentido, destaca-se a importância da escola e, em especial, da disciplina de Educação Física como espaços privilegiados para a disseminação de conhecimentos que ampliem a compreensão das pessoas sobre seus direitos e deveres na busca do acesso a estilos de vida mais saudáveis.

Será sugerido um conjunto de atividades lúdicas e corporais a serem desenvolvidas durante a aula, com o objetivo de provocar nos alunos curiosidade sobre o funcionamento do corpo humano, em particular dos

sistemas cardiorrespiratório, cardiovascular e digestivo. Algumas perguntas podem surgir, como: Por que sentimos os batimentos do coração em diversas partes do nosso corpo?; Por que o coração bate mais rápido quando realizamos atividades mais intensas?; O que é o suor e por que suamos?; Qual é o papel dos músculos, dos ossos e dos nervos em nosso corpo?; O que e quanto devemos comer para não termos sobrepeso?; Por que e como a atividade física regular pode nos tornar mais saudáveis?; e outras mais, que serão esclarecidas a partir das atividades desenvolvidas na própria aula.

Nossa proposta é que a temática da promoção da saúde esteja vinculada à adoção de estilos de vida mais saudáveis por toda a população e não apenas por aqueles que têm condições de frequentar clubes e academias.



## Prevenção, para começo de conversa

Desde as últimas décadas do século XX, a Organização Mundial da Saúde (OMS) apontava para a necessidade de políticas públicas que privilegiassem a promoção da saúde a partir da melhoria nas condições de vida da população. Os investimentos na medicina curativa, àquela altura, tanto na Europa como na América do Norte, ultrapassavam (e muito) os custos com iniciativas em prevenção ou medicina social. A instituição reconhece que, a partir de 1960, novos equipamentos e novas terapias permitiram diagnósticos mais exatos e tratamentos mais eficazes, porém, apenas para grupos sociais de maior poder aquisitivo.



Segundo a OMS, o paradigma da promoção da saúde tem por base abranger toda a população, não somente os grupos de risco;

direcionar as ações para os diversos fatores que influenciam a saúde; envolver uma variedade de estratégias e instituições, como as das áreas de comunicação, educação, legislação, desenvolvimento comunitário e outras; estimular a participação de toda a comunidade na aquisição individual e coletiva de estilos de vida mais saudáveis; e capacitar profissionais da área para tornarem viável a promoção da saúde também por meio da educação.

Com isso, pode-se perceber que a melhoria dos níveis de saúde e de qualidade de vida da maior parte da população não será alcançada somente com o desenvolvimento do setor hospitalar. Mais do que isso, são necessárias ações governamentais que objetivem a desmedicalização da saúde, seu entendimento como um tema multifatorial, o envolvimento comunitário na formulação das políticas e nas tomadas de decisões e, principalmente, a educação para a saúde. Ou seja, tratar da saúde (prevenção) em vez da doença.

## O papel da escola

A escola, principalmente a disciplina de Educação Física, tem importância estratégica na construção e na consolidação de conhecimentos necessários à formação de novas gerações capazes de compreender a necessidade da adoção de estilos de vida mais saudáveis e a saúde como um direito social de todos, independentemente de origem socioeconômica, local de moradia ou etnia.

Para isso, serão sugeridas atividades lúdicas e corporais a serem desenvolvidas durante as aulas que estimulem nos alunos o interesse pelo funcionamento do corpo humano como um todo e, particularmente, de seus sistemas cardiorrespiratório, cardiovascular e digestivo.



Além das atividades corporais, as aulas de Educação Física, por meio de estratégias pedagógicas, vão dialogar com saberes de naturezas distintas, mas, de alguma forma, presentes no cotidiano dos alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental. O primeiro deles tem origem nos conhecimentos e nas crenças presentes em seu repertório cultural, que são apropriados no convívio familiar, com os amigos ou através das diferentes mídias. Quem nunca ouviu, pelo menos, uma destas frases: “Se tomar banho depois de comer vai passar mal”; “Fazer muito exercício físico torna o coração grande demais”; “Quando temos algum traumatismo devemos friccionar bem o local”?

Outro conjunto de conhecimentos encontra-se no currículo escolar, especificamente no programa de Ciências do 8º ano, que trata de temas também presentes no planejamento de Educação Física em relação à promoção da saúde. E, ainda, em projetos interdisciplinares que trabalhem de forma transversal temas como: alimentação; obesidade; sistema locomotor; formação e função óssea, muscular e articular e o movimento humano; funcionamento dos sistemas cardiocirculatório e respiratório.

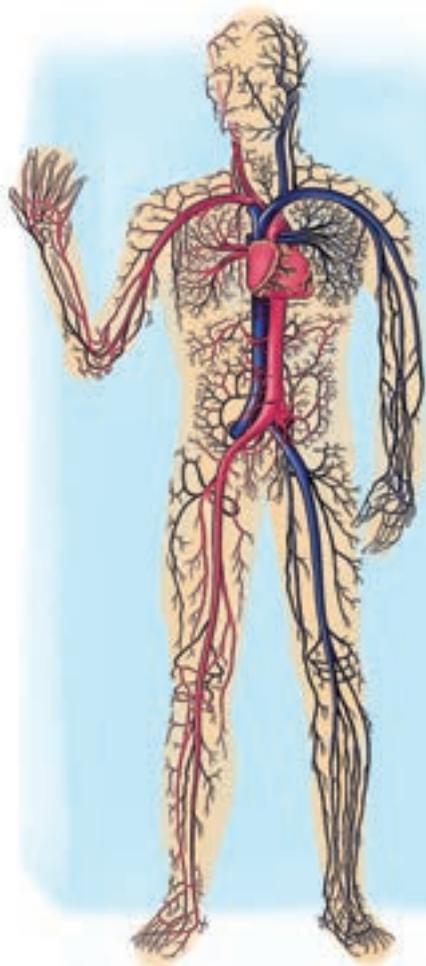
De posse desse material, podem-se sugerir vivências práticas e reflexões que permitam aos alunos melhorar sua condição física, adquirindo hábitos de vida mais saudáveis. Para isso, serão utilizados dois grupos de conteúdos: sistema cardiocirculatório; e alimentação e gasto energético.

*Segundo artigo de Guedes, D. P. e Guedes, J. E. R. P. publicado na Revista da Associação dos Professores de Educação Física de Londrina (1994), “embora ainda não existam estudos científicos comprobatórios, há fortes evidências de que jovens menos ativos fisicamente poderão se tornar adultos sedentários (...). Mas grande parte da população somente vai perceber a importância da atividade motora sistemática, na perspectiva da promoção da saúde, de 20 a 30 anos depois de ter frequentado as aulas de Educação Física do Ensino Fundamental”.*

## Sistema cardiocirculatório

Este conteúdo será desenvolvido com base no diagnóstico do repertório de conhecimentos dos alunos sobre o tema, adquirido em seus ambientes de convivência.

*O repertório de conhecimentos de cada pessoa muitas vezes revela uma sabedoria baseada em crenças e mitos presentes no senso comum, como, por exemplo, confundir artéria com veia ou informações distorcidas sobre a mistura de leite com manga.*



A partir das informações trazidas pelos alunos, serão criadas possibilidades para que eles ampliem e reorientem seus conhecimentos, de forma a estarem habilitados a: compreender que o coração é um músculo e, portanto, ao ser treinado, poderá se fortalecer como qualquer outro músculo; entender como o batimento cardíaco interfere na vida das células do corpo humano, na medida em que elas se alimentam do oxigênio conduzido pela corrente sanguínea, que, por sua vez, é bombeada pelos batimentos do coração; reconhecer as diversas partes do corpo onde é possível verificar quantas vezes o coração bate por minuto (pulsação); aprender a contar os batimentos cardíacos em situações de repouso absoluto, de repouso relativo (basal), logo após o exercício e na recuperação (cinco minutos após o término do exercício); compreender a relação entre a prática regular de exercícios e a melhoria do condicionamento físico; e diferenciar atividades aeróbias de anaeróbias.

*Os esportes de alto rendimento trazem informações que facilitam a compreensão dos alunos sobre as diferenças entre atividades aeróbias e anaeróbias. No atletismo, por exemplo, o aspecto físico (gordo ou magro, alto ou baixo) dos corredores velocistas e dos corredores de longas distâncias reflete as características de cada atividade. Os recordes das provas de cem metros rasos e das maratonas servem de modelos interessantes para explicar conceitos sobre essa temática.*

Tendo em vista os conhecimentos já trabalhados, será possível desenvolver um programa de condicionamento físico coletivo, por meio do qual os alunos terão condições de executar as atividades propostas e de se monitorar mutuamente. Assim, poderão se apropriar de competências que vão proporcionar elevados graus de autonomia para a manutenção de hábitos saudáveis por toda a vida.

*Para pesquisar: por que o coração de um atleta bate menos vezes por minuto do que o de uma pessoa sedentária?*

Fatores como turmas muito cheias, carga horária reduzida e pouco espaço disponível na maioria das escolas dificultam a individualização do treinamento e mesmo inviabilizam a execução de algumas atividades. Dessa forma, a prática dos exercícios estudados e escolhidos deve extrapolar os muros escolares e acontecer nos bairros e nas comunidades onde os alunos vivem, em clubes ou em campos de várzea. E essas atividades serão, então, permanentemente avaliadas e monitoradas nas aulas de Educação Física e de Ciências.

## Alimentação e gasto energético

Nos dias atuais, para as crianças e os adolescentes do segundo segmento do Ensino Fundamental, a alimentação adequada e balanceada está associada, na maioria das vezes, à busca da forma ideal, segundo

padrões ditados pela mídia. E se antes essa preocupação era predominantemente feminina, hoje assistimos a uma quase igualdade de gênero quando o assunto é conquistar um corpo modelado.



Especialmente nas turmas a partir do 8º ano, existem adolescentes tentando emagrecer a qualquer custo: entram e saem de dietas e regimes feitos por conta própria; se automedicam; ou mesmo praticam exercícios físicos sem orientação. Muitos deles apresentam taxas elevadas de colesterol ou hipertensão arterial, causadas pela má qualidade da alimentação, associada a altos graus de sedentarismo. Para os especialistas, a obesidade infantil será, em breve, um problema de saúde pública de grandes proporções se não forem criadas políticas emergenciais voltadas para combatê-la.

*De acordo com a Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) 2008-2009, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), houve aumento do percentual de pessoas com excesso de peso e obesas em todas as regiões do país, em todas as faixas etárias e nos diferentes segmentos de renda. O sobrepeso atinge mais de 30% das crianças entre 5 e 9 anos de idade, cerca de 20% da população entre 10 e 19 anos e nada menos que 48% das mulheres e 50,1% dos homens acima de 20 anos.*

Fonte: veja.abril.com.br/noticia/saude/pesquisa-do-ibge-mostra-que-obesidade-e-epidemia-no-brasil.

O poder de sedução exercido pelos meios de comunicação sobre crianças, adolescentes e jovens é enorme, sem dúvida, mas a escola, por meio de seus atores e da capacidade de cada um deles de trabalhar a socialização dos conhecimentos entre os alunos, está capacitada a encarar mais esse desafio.

Alguns questionamentos podem ser estimulados em pesquisas ou debates tanto nas aulas de Ciências quanto nas de Educação Física, levando-se em consideração a realidade dos alunos e da escola. Exemplos: Como está a minha alimentação? O que eu como durante o dia é adequado e suficiente para me manter saudável? Estou ingerindo mais calorias do que preciso para o meu tipo de vida? O que são as calorias nos alimentos? O que fazer para ganhar ou perder massa corporal (peso)? Qual é a relação entre alimentação e atividade física?

É importante compreender de que modo o corpo produz energia para a prática de atividades

físicas, a composição calórica dos alimentos naturais e industrializados; e saber dosar alimentação e exercícios físicos de forma prazerosa, e não visando somente conquistar padrões corporais muitas vezes inatingíveis.

## **O corpo só queima gordura a partir de meia hora de exercício.**

### **Você sabe por quê?**

*Tudo começa com a fosfocreatina, o primeiro dos compostos armazenados em nossos músculos convocado para produzir energia durante a atividade física. Depois de 10 a 15 segundos de exercício, suas reservas diminuem, e os carboidratos absorvidos por nós passam a ser a principal fonte de energia até aproximadamente os 25/30 minutos. Nesse momento, dependendo das reservas de cada pessoa, as gorduras – na forma de ácidos graxos – começam a ser chamadas a produzir energia para a continuação da atividade física. É então que começamos a perder gordura corporal.*



## Para usar em aula

Em conjunto com o programa coletivo de condicionamento físico, os alunos podem identificar e descrever o tipo, a quantidade e a qualidade de sua alimentação diária. O trabalho vai apontar as possíveis diferenças entre aqueles que comem a merenda escolar, os que trazem comida de casa e os que compram alimentos na cantina da escola.

A partir dos resultados, o professor vai propor uma campanha de reeducação alimentar dentro e fora da escola que envolva a família e a comunidade, em conjunto com a disciplina de Ciências, principalmente nas turmas do 8º ano.



No final do semestre letivo, a escola poderá realizar uma Feira de Saúde aberta a toda a comunidade, para apresentar a produção acadêmica dos alunos nas seguintes formas: produção de jornal ou história em quadrinhos, para veicular na escola e na comunidade; realização de um filme documentário que apresente o trabalho dos alunos, com seus depoimentos e os de outras pessoas sobre as temáticas estudadas; e produção de um programa para a rádio

comunitária. O objetivo da iniciativa é apresentar aos pais, familiares, vizinhos e à comunidade em geral a produção acadêmica dos estudantes. E, ainda, socializar os conhecimentos para que todos tenham possibilidades e condições de se apropriar deles, o que vai conferir protagonismo à escola e a seus atores como formuladores de soluções locais.

## Bibliografia básica

DEVIDE, F. P. *Educação Física e Saúde: Em Busca de uma Reorientação para a Sua Práxis*. *Revista Movimento*, Porto Alegre, ano III, n. 5, p. 44-55, 1996.

\_\_\_\_\_. Tendências Teóricas a Respeito da Relação Histórica entre a Educação Física e a Saúde. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA, 7., 2000, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2000. p. 401-407.

\_\_\_\_\_. A Educação Física Escolar como Via de Educação para a Saúde. In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (orgs.) *A Saúde em Debate na Educação Física*. Blumenau (SC): Edibes, 2003, p. 137-150.

FARINATTI, Paulo de Tarso Veras. *Saúde, Promoção da Saúde e Educação Física: Conceitos, Princípios e Aplicações*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

GUEDES, D. P.; GUEDES, J. E. R. P. Subsídios para Implementação de Programas Direcionados à Promoção da Saúde Através da Educação Física Escolar. *Revista da APEF*, Londrina, n. 15, v. 8, p. 3-11, 1993.

\_\_\_\_\_. Sugestões de Conteúdo Programático para Programas de Educação Física Escolar Direcionados à Promoção da Saúde. *Revista da APEF*, Londrina, n. 16, v. 9, p. 3-14, 1994.



# Educação Física e Cultura - Educação Física É Cultura

---



Entre as produções culturais da humanidade, encontram-se as práticas corporais e lúdicas. Jogos, brinquedos, brincadeiras, esportes, danças, lutas e alguns tipos de ginástica são exemplos de atividades físicas constantemente criadas e recriadas por crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. A Educação Física, como componente curricular e área do saber, tem sob sua responsabilidade socializar esses conhecimentos nos sistemas formais de ensino. Mas como surgiram as brincadeiras e os exercícios corporais? Como estão sendo transformados com o passar dos anos? Como vivenciá-los? Como ajustá-los a diferentes gostos, aptidões, costumes e desejos? Como perpetuá-los? Trabalhar essas questões é um dos desafios pedagógicos dos professores de Educação Física.

Neste capítulo, serão sugeridas vivências de práticas corporais, em especial de jogos e brincadeiras populares, destacando-os como produções culturais da humanidade que se perpetuam e se modificam pela ação dos indivíduos. Paralelamente, os alunos vão realizar enquetes entre os seus familiares para identificar as mudanças que aconteceram, ao longo dos anos, nas formas de jogar; nos nomes dos jogos e das brincadeiras; e nos materiais e espaços utilizados no desenvolvimento das atividades. Com isso, vão compreender mais claramente a dimensão da cultura em seu dinamismo e permanente transformação.

Ao final, serão apresentadas vivências de jogos e de brincadeiras a partir do resultado das pesquisas realizadas.



## Área livre para brincadeiras

O acervo de atividades lúdicas e esportivas existente no mundo e, em especial, no Brasil abrange um campo de conhecimento que remete ao passado, quando boa parte da população vivenciava, cotidianamente, as tradicionais brincadeiras de rua. Mas, com o passar dos anos, a prática dos jogos se tornou restrita a segmentos minoritários da sociedade – em geral, aqueles cujas condições permitem o acesso a clubes sociais ou esportivos, a escolas e a hotéis com infraestrutura para o desenvolvimento de atividade esportiva.



Há alguns anos, crianças e adolescentes dispunham de mais espaços ao ar livre, como campos de várzea para correr e jogar bola, árvores para subir ou pendurar balanços, ruas pouco movimentadas para brincar. Atualmente, devido à ocupação irregular nos centros urbanos e à especulação imobiliária, são cada vez menores as áreas de lazer nas vias públicas, sendo que em algumas regiões problemas relacionados ao trânsito e à segurança afastam a população dos espaços públicos. Mas já se percebem ações por parte do poder público e dos próprios moradores pela retomada desses espaços de encontro, brincadeiras, conversas e contemplação da natureza.

*Desde sempre as crianças brincam, antes até de surgirem os brinquedos prontos, vendidos em lojas. Cada uma criava seu próprio brinquedo, usando tocos de madeira, pedrinhas, frutas, legumes, varetas, papel, e se divertia empinando pipas, brincando de pique, amarelinha, pião ou roda. No Brasil, alguns dos jogos que existem até hoje são heranças dos índios, dos africanos, do colonizador europeu e, ainda, dos imigrantes orientais.*

Adaptado de UOL/Educação.

A Educação Física escolar cumpre papel estratégico na garantia do acesso a todos, independentemente de origem socioeconômica, local de moradia ou tipo de escola, aos jogos e às brincadeiras que se perpetuam de geração em geração. Muitas são as possibilidades de atividades com os alunos, e a seleção a seguir obedeceu aos seguintes critérios: brincadeiras e jogos coletivos e não coletivos; brincadeiras e jogos comuns ao repertório lúdico do carioca; brincadeiras e jogos de fácil organização e execução; brincadeiras e jogos historicamente mais praticados por meninas e os mais praticados por meninos; e brincadeiras e jogos que proporcionem ao professor e ao aluno a clara compreensão sobre o dinamismo da cultura e, ao mesmo tempo, o seu enraizamento.

## Pular corda e elástico

Difícil imaginar alguém que nunca pulou corda. A brincadeira, de séculos atrás, é, geralmente, relacionada ao universo cultural feminino. Mas isso foi bem antigamente. Hoje, meninos e meninas se divertem com

a atividade, que desperta uma alegria contagiante e revela uma impressionante capacidade de organização própria do grupo, mesmo sem a intervenção de um professor ou outro adulto.

Geralmente, há uma lógica na brincadeira de pular corda na rua: ao mesmo tempo que os praticantes enaltecem os melhores puladores, não discriminam a participação dos menos habilidosos. A questão é que, normalmente, quem sabe mais acaba fazendo por mais tempo e, portanto, aprimora o movimento. Quem sabe menos, ao errar, vai para o final da fila e pratica menos.



*Além de ser um ótimo exercício físico, pular corda ganha um caráter lúdico acentuado pelas cantigas ou pelos versos cadenciados que costumam acompanhar a brincadeira. Na versão a seguir, a cantiga indica ações que os participantes precisam executar enquanto pulam: uma forma de aumentar o nível de dificuldade, mas sem deixar a diversão de lado. Veja a regra:*

*Duas pessoas giram a corda, e o jogador, posicionado no centro, deve encostar a mão no chão, saltar com apenas um pé, girar o corpo e sair sem se enrolar na corda. A música comanda as tarefas:*

Um homem bateu em minha porta e eu abri

Senhoras e senhores,  
ponham a mão no chão

Senhoras e senhores,  
pulem de um pé só

Senhoras e senhores,  
deem uma rodadinha

E vão pro olho da rua

*Um novo desafio. Aqui, a corda deve ser batida lentamente no começo da canção e muito rapidamente ao chegar à palavra “fogo”:*

Salada, saladinha

Bem temperadinha

Com sal

Pimenta e FOGO

*E que tal dificultar mais um pouquinho, utilizando duas cordas? Também é possível formar duplas ou trios que vão pular ao mesmo tempo.*



Outra brincadeira de pular que já foi uma verdadeira febre nos pátios das escolas durante a entrada de turno, no recreio e na hora da saída é o elástico, considerado, como a corda, uma atividade feminina. Para brincar, basta ter um elástico de roupa com cerca de dois metros e fazer um nó que una as duas pontas. Dois participantes ficam de pé, frente a frente, e colocam o elástico em torno dos tornozelos, formando um retângulo. Um terceiro participante salta várias vezes, para dentro e para fora do elástico, sem direito a tropeçar. Para aumentar a dificuldade, pode-se começar a brincadeira saltando com os dois pés; e, depois, encostar apenas um dos pés no chão ou saltar com as pernas cruzadas.



## Para usar em aula

- Vivenciar as duas práticas citadas como conteúdos da disciplina e propor debates que levem os alunos a: investigar como gerações passadas brincavam com esses materiais; pesquisar as possíveis origens das brincadeiras de corda e de elástico; analisar as razões que reforçam, historicamente, que as duas atividades são do universo feminino (o professor deve chamar a

atenção para o fato de que são brincadeiras que exigem energia e vigor físico); e refletir sobre a necessidade de oportunidade e condições de igualdade (tempo, tolerância, etc.) para que todos possam aprender a técnica de execução das brincadeiras.

## Jogar bola de gude

Diferentemente de pular corda e elástico, o jogo de bola de gude sempre foi considerado uma diversão mais de meninos do que de meninas. Dependendo do tipo de jogo – búrica, por exemplo –, precisa-se de um local com chão de terra, preferencialmente úmida, para se cavarem os três pequenos buracos (ou búricas), em linha reta, onde as bolinhas devem entrar. O objetivo é cumprir o percurso, fazendo as bolinhas entrarem nas búricas. Se houver algum adversário no caminho, ele pode ser afastado com um “teco” (quando uma bola encosta na outra e a desloca).

*“Bola ou búrica?” A expressão, que, em linguagem popular, equivale a “tudo ou nada”, tem origem no jogo, quando, em um certo momento, o participante deve escolher se lança a bola sobre a do adversário ou diretamente na búrica.*

Outras formas do jogo podem ser praticadas no chão liso do play, na rua asfaltada ou até na calçada:

- **Triângulo**  
Os participantes riscam um triângulo no chão e colocam as bolinhas dentro dele. Cada um na sua vez, de um ponto um pouco distante, tenta acertar a bolinha do adversário ou empurrá-la para fora do triângulo. Se conseguir, ganha a bola de gude do outro.

### • Mata-mata

Cada jogador empurra, por meio de “tecos”, a bolinha do outro, em uma área não delimitada. Sempre que acertar, fica com a bola de gude do adversário.



*Dependendo do estado ou da região, a bolinha de gude é conhecida como “bola de búrica”, “chimbra”, “pereca”, “bolita”... Em Portugal, chama-se “berlinde”.*

Com o crescente processo de urbanização do Rio, são poucas as ruas não asfaltadas ou fechadas ao trânsito de veículos, a não ser em áreas específicas dos subúrbios e das zonas norte e oeste, restringindo o jogo de bola de gude, pelo menos em chão de terra.

Dessa forma, a prática poderia ser mais estimulada nas escolas, nas aulas de Educação Física, até para não se perder uma brincadeira tão popular, no passado, entre crianças e jovens de nossa cidade.

## Para usar em aula

- Vivenciar diversas formas do jogo como conteúdos de Educação Física e propor debates que levem os alunos a: descobrir os termos e as gírias usados por quem joga (ex.: “não vale ganso”, “palmo deu”); pesquisar como gerações passadas jogavam bola de gude; e refletir sobre as razões que, historicamente, marcaram o jogo como atividade de meninos.

## Pique-bandeira ou bandeirinha



Em relação às brincadeiras de corda e de elástico, o pique-bandeira ou bandeirinha apresenta um caráter de coletividade bem mais acentuado. É um jogo de equipes e, por isso, estimula o trabalho em grupo, até

porque os participantes precisam criar estratégias para conseguir pegar a bandeirinha no campo adversário.

*A brincadeira de bandeirinha também é conhecida, entre outros nomes, como: capture a bandeira, rouba-bandeira, bimbarra e barra-bandeira.*

Para começar a brincar, risca-se uma linha central no chão, separando-se dois campos, e dividem-se os dois times. Cada um deles ganha uma bandeirinha (um pedaço de pau ou outro objeto, à escolha), colocada no extremo da área adversária. O objetivo é atravessar o campo oposto e voltar para o seu grupo com a bandeirinha na mão. Quem for pego na parte adversária fica parado em campo (ou “colado”). A forma como vai voltar ao jogo é definida, anteriormente, pelos dois times.

O jogo exige do praticante, além de técnica, competências para lidar com as diferenças motoras e de temperamento de cada um dentro do grupo, bem como respeito aos escolhidos como colegas de time e aos adversários.

A técnica, como a entendemos, refere-se ao conjunto de conhecimentos que, conforme são apreendidos, facilitam e aprimoram a execução de movimentos, gestos, performances, brincadeiras, interpretações e a elaboração de objetos. Mas, na bandeirinha, acontece de maneira espontânea entre os participantes da brincadeira, sem a necessidade de interferência de um instrutor ou professor para ensinar.

Nesse sentido, a escola, em especial a Educação Física como componente curricular, tem se apropriado dessa prática cultural popular para desenvolver, por meio de suas metodologias e seus objetivos, uma gama enorme de conteúdos. Assim, caberiam

algumas perguntas para refletirmos: A bandeirinha ainda faz parte do repertório lúdico de nossos alunos fora do ambiente escolar? Continua a ser passada de pais para filhos? Como era praticada por outras gerações? É utilizada na escola há muito tempo?

## Para usar em aula

- A bandeirinha é um jogo de conquista do território muito semelhante ao rúgbi e ao futebol americano. Utilizar essa informação para estimular os alunos a se interessar por esportes originários de outros países.
- Investigar as mudanças ocorridas, com o passar dos anos, na forma de brincar de pique-bandeira.
- Pesquisar se essa brincadeira existe em outros estados do Brasil ou em outros países e, em caso afirmativo, como é chamada e praticada nesses lugares.
- Promover uma conversa em que os alunos contem se brincam de pique-bandeira nas ruas ou em outros espaços do bairro onde moram.
- Vivenciar o jogo de bandeirinha ou pique-bandeira como um conteúdo da Educação Física e, a partir da prática, introduzir debates que levem as turmas a entender o conceito de tática, a necessidade do trabalho coletivo, as diferenças de habilidades, de vontades e de ritmos de cada pessoa.

*Em geral, o conceito de tática é compreendido como exclusivo do esporte de alto rendimento. No entanto, para termos sucesso em qualquer jogo ou brincadeira, precisamos usar as táticas específicas.*

## Soltar pipa



A brincadeira de soltar pipa tornou-se um dos símbolos da cidade do Rio de Janeiro, principalmente nos bairros do subúrbio, onde crianças, jovens e adultos contam com mais possibilidades de lazer na rua. Apesar de configurar uma forte tradição da nossa cultura, sua prática não acontece no interior das escolas. Aos professores, cabe a reflexão: por que a discrepância entre a realidade de muitos alunos em seus locais de moradia – em grande parte, vizinhos à instituição de ensino – e o interior das escolas? Se, de fato, for considerado pedagogicamente aconselhável o diálogo com o repertório cultural inspirado na realidade dos estudantes, por que não valorizar esse e tantos outros saberes de seu repertório?

Quem já brincou de soltar pipa (ou papagaio) sabe definir o prazer de poder controlar um objeto que flutua no ar, principalmente se ele próprio construiu sua pipa. Antigamente, a diversão começava aí: catar o bambu; afinar as varetas; montar a armação da pipa;

encapar com papel de seda, usando cores e figuras exclusivas; fazer a rabiola; e, então, brincar. O conhecimento foi passado de geração em geração, entre as famílias e os amigos, mas, de algumas décadas para cá, as pipas e as rabiolas podem ser compradas prontas. Mesmo assim, muitas pessoas mantêm a tradição de confeccioná-las.

### Alguns cuidados são importantes para evitar acidentes durante a brincadeira:

- não utilizar papel laminado na confecção da pipa: há risco de choque elétrico;
- não usar cerol na linha. A mistura de cola com caco de vidro pode ferir não somente quem está brincando, mas até causar a morte de ciclistas e motociclistas;
- brincar apenas em áreas abertas, sem fios, postes e antenas, para não se expor a choques elétricos. Também evitar lajes e telhados, onde se fica mais vulnerável a quedas;
- ter atenção ao trânsito, se for correr atrás de pipas;
- evitar a brincadeira em dias de chuva;
- se a pipa prender em fios de postes, não tentar arrancá-la. Outra opção é não usar rabiola.



*De acordo com seu formato, a pipa recebe diferentes nomes, entre eles: cafifa, papagaio, quadrado, piposa, pandorga, raia, morcego, pião e carrapeta. Para montá-la, é preciso papel de seda ou papel-manteiga, varetas de bambu, cola e linha de barbante.*

*A pipa nem sempre foi utilizada como brinquedo. Surgiu na China Antiga, em torno de 1200 a.C., para transmitir mensagens, por meio de suas cores e de seus movimentos, entre bases militares distantes. Mas também já serviu como aparelho de medição atmosférica e ajudou o americano Benjamin Franklin a inventar o para-raios. As crianças começaram a brincar com os papagaios de papel a partir do século XII.*

Vale refletir: por que a escola, em especial por meio da disciplina de Educação Física, não dissemina esse conhecimento popular entre seus alunos, contribuindo, inclusive, na superação de preconceitos de gênero inerentes a essa brincadeira? Aprender a confeccionar uma pipa, colocá-la no ar e manejá-la exige um refinamento bastante específico da coordenação motora, o que, por si só, constitui-se em um material de trabalho interessante para o professor.

## Para usar em aula

- Utilizar a brincadeira de soltar pipa como conteúdo da Educação Física ou organizar, didaticamente, os processos de construção e manejo da pipa.
- Propor aos alunos que investiguem os tipos de pipas existentes e de que modo seus pais, tios ou avós confeccionavam e brincavam com os papagaios.
- Sugerir à turma que pesquise os nomes das manobras realizadas para manejar a pipa no ar.

## Futebol ou pelada de rua



Todos os professores de Educação Física concordam que é quase impossível começar uma aula sem ao menos um aluno perguntar: “Tio, vai ter futebol hoje?”. De fato, a grande paixão nacional, matéria de estudos sociológicos e antropológicos, deveria fazer parte do conteúdo de Educação Física para os

últimos anos do Ensino Fundamental, junto com um repertório vasto de outras práticas culturais esportivas criadas e desenvolvidas por homens e mulheres em sociedade.

Sendo assim, é importante refletir sobre a abordagem do conteúdo durante as aulas. O futebol jogado na escola, no recreio e na Educação Física, é o mesmo dos campeonatos oficiais ou se assemelha mais àquele praticado nas ruas e nos campinhos dos bairros? Provavelmente, a opção do professor é pela segunda alternativa. Mas essa modalidade predominante não inviabiliza o contato dos alunos com os conhecimentos presentes no universo do futebol como esporte de alto rendimento? Vale pensar!

A incorporação da tradicional “pelada” no conteúdo escolar é muito importante. A brincadeira reúne um conjunto de conhecimentos construídos historicamente; é única, sob o ponto de vista de sua prática, com regras próprias, estabelecidas de acordo com cada lugar onde ocorre o jogo; e é universal, por conjugar uma série de normas fixas, que se repetem independentemente do local da prática. Por isso mesmo a sugestão de socializá-la no interior da escola como um conteúdo cultural próprio do carioca.

*Há duas explicações mais comuns para a origem do nome “pelada”. A primeira parte do termo “pela”, derivado do latim pillela, que significa “bola ou novelo de lã”. A segunda relaciona o nome ao terreno onde as partidas ocorrem, geralmente áreas sem gramados e, portanto, desnudas ou peladas. Outras denominações: baba, racha ou rachão.*

Como prática cultural popular, certamente, a pelada traz consigo um conjunto de hábitos, crenças e mitos muito útil como ponto de partida para reflexões nas aulas. Por exemplo, o critério de formação das equipes. Invariavelmente, os mais habilidosos são escolhidos primeiro e têm mais oportunidades de participar dos jogos, porque os amigos passam a bola para eles. Assim, quem joga bem consegue aprimorar sua habilidade, ao passo que quem precisaria de mais chances para melhorar o desempenho não consegue espaço para tanto. Outro aspecto é a quase exclusividade de público masculino no ambiente das peladas – praticantes e espectadores.

Nesse sentido, assumir a “pelada” como conteúdo certamente levará os alunos a repensar, inclusive, sua convivência cotidiana além dos muros escolares.

## Para usar em aula

- Investigar como a pelada é jogada (regras, local, piso) nos bairros onde os alunos moram.
- Verificar como os times são formados.
- Sugerir aos alunos que pesquisem, em sua rua ou em seu bairro, se existem times com nomes definidos.
- Observar se as meninas também participam das peladas. Se não, identificar e debater as razões para esse fato.

## Bibliografia básica

CALEGARI, R. L.; PRODÓCIMO, E. Jogos Populares na Escola: Uma Proposta de Aula Prática. *Revista Motriz*, Rio Claro (SP), v. 12, n. 2, 2006, p. 133-141.



CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_.; GIARD, L.; MAYOL, P. *A Invenção do Cotidiano: 2. Morar, Cozinhar*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1996.

DAOLIO, J. *Educação Física e o Conceito de Cultura*. 3. ed. Campinas (SP): Autores Associados, 2010.

\_\_\_\_\_.; OLIVEIRA, R. C. Educação Física, Cultura e Escola: Da Diferença como Desigualdade à Alteridade como Possibilidade. *Revista Movimento*, Porto Alegre (RS), UFRGS, v. 16, n. 1, 2010, p. 65.

SALVADOR, C. C. *Aprendizagem Escolar e Construção do Conhecimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

VERÍSSIMO, L. F. *Futebol de Rua*. São Paulo: Ed. Ática, 1981. (Coleção *Para Gostar de Ler*, v. 7 – Crônicas).



# Esporte e Trabalho

---



A sociedade brasileira em geral e, em especial, os segmentos que residem nas regiões metropolitanas das grandes cidades do país têm visto, nas últimas décadas, o crescimento da violência praticada e sofrida por jovens (segundo o IBGE, pessoas que têm entre 15 e 24 anos), em sua maioria, aqueles com baixa escolaridade e moradores de comunidades carentes. Os estudos têm revelado que as maiores reivindicações apresentadas por esses jovens são por emprego, salário e atendimento de alguns de seus direitos, como o lazer.

Diante de tais demandas, este capítulo vai abordar o mundo do trabalho no campo das práticas corporais, com ênfase no esporte e no balé clássico, com a apresentação de propostas que possam ser desenvolvidas pela disciplina de Educação Física nas turmas do segundo segmento do Ensino Fundamental.

As propostas se basearam em pesquisas realizadas pelos próprios alunos com outros alunos (atletas e bailarinos) da Rede Municipal de Ensino, com técnicos e com atletas profissionais e de categorias de base de diversas modalidades esportivas, com bailarinos e ex-bailarinos renomados.

Nos depoimentos colhidos, foram revelados o chamado “lado bom” da profissão (viagens, formação de grupos de amigos, fama, etc.) e o outro lado, menos divulgado (carga horária diária de treinos; hora certa para dormir, acordar e se alimentar; finais de semana e feriados preenchidos por competições e apresentações; distância do convívio familiar diário, etc.). Um dos aspectos a serem ressaltados são os mitos que cercam particularmente o universo do futebol em relação ao enriquecimento fácil de seus atletas.



## O esporte como ofício

As dificuldades encontradas para separar a paixão da razão na análise desse fenômeno sociocultural que é o esporte são reveladoras da necessidade de se enfrentar a temática e torná-la objeto de reflexão para os alunos. Assim, compreender o esporte como um ofício, para além de seu caráter de espetáculo e de entretenimento, constitui um desafio/conhecimento para a disciplina de Educação Física.

O desafio começa ainda na compreensão presente no senso comum de que a disciplina de Educação Física é planejada para se praticar/exercitar e não para se discutir/refletir. A própria carga horária semanal (normalmente, duas aulas de 45 minutos) limita a possibilidade da abordagem de temas que exijam espaço e condições adequadas para sua prática. Ao mesmo tempo, a forma como a escola organiza seu tempo pedagógico eleva o nível de imobilidade dos alunos durante a permanência na instituição. Ou seja, o tempo que crianças, adolescentes e jovens passam sentados em sala de aula é infinitamente superior ao dedicado a deslocamentos ou algum tipo de atividade corporal.

*Para saber mais sobre a temática, leia Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física (Ed. Scipione, 1991), do professor João Batista Freire.*

Geralmente, nos anos finais do Ensino Fundamental, os únicos momentos em que os alunos não estão sentados ocorrem durante o recreio e na aula de Educação Física. Com isso, cabe a pergunta: como estimular o/a debate/reflexão em sala, sem privá-los do pouco tempo de que dispõem para se deslocar, correr, praticar atividades corporais na escola?



Não há outra fórmula que não seja a da negociação entre professor e aluno, ou seja, a de demonstrar à turma que a maioria das aulas de Educação Física será realizada fora da sala de aula tradicional. Esse é um bom ponto de partida. Entretanto, deve ficar claro também que é importante trocar o “fazer pelo fazer” pelo “fazer com reflexão”. Essa estratégia metodológica não poderá reduzir o potencial lúdico e mobilizador das práticas corporais, mas sim oferecer condições reais de que elas sejam realizadas com consciência crítica e criativa.

Apesar do forte apelo emocional que o espetáculo esportivo exerce, nem todas as pessoas o apreciam. Portanto, uma estratégia para atingir os que gostam e os que não gostam seria abordar esse tema como um objeto de conhecimento que pode ser analisado sob um viés antropológico, sociológico ou, ainda, biológico.

A partir do segundo segmento do Ensino Fundamental, o esporte ganha relevância entre os alunos, na medida em que eles, principalmente os meninos originários de

camadas populares, se entusiasma com a possibilidade de se tornar atletas de sucesso e, conseqüentemente, solucionar os problemas de natureza econômica de suas respectivas famílias.

Assim, abordar o conteúdo “esporte” como um ofício possibilita que crianças, adolescentes e jovens percebam que, mais do que um fenômeno social que traz consigo uma carga muito forte de envolvimento emocional de praticantes e espectadores, o esporte é uma profissão e, como todas as outras, exige cumprimento de horário, produtividade, pressupõe processos de seleção, etc.

Nesse sentido, desmistificar que o atleta, profissional ou amador, pratica uma modalidade esportiva por simples prazer e paixão tem importância estratégica no ambiente da escola pública, onde muitos alunos creditam ao esporte a possibilidade redentora de ascensão social.



Cabe destacar que não somente as modalidades esportivas clássicas – futebol, atletismo, voleibol, basquetebol, etc. – compõem esse cenário. A dança também ocupa lugar de destaque no imaginário popular, principalmente entre as meninas que veem nessa prática corporal possibilidades de consolidar uma carreira profissional e de “mudar de vida”.

Outro aspecto importante a ser tratado pedagogicamente pela disciplina de Educação Física refere-se às diversas profissões que direta ou indiretamente fazem parte do universo esportivo, além da carreira de atleta. São profissões novas, que ganham espaço na medida em que os grandes eventos esportivos se disseminam por nosso país e, em especial, por nossa cidade.

No esporte de rendimento e de alto rendimento, é praticamente impensável não contar, atualmente, com equipes multidisciplinares de profissionais da área da saúde especializados no trabalho com atletas, como: fisioterapeutas, fisiologistas, ortopedistas, nutricionistas, psicólogos, etc. Na área da comunicação, destaca-se a importância do jornalista e do fotógrafo esportivo, fundamentais para levar à população as informações que circulam nos ambientes esportivos locais e mundiais. Não se pode esquecer, ainda, das áreas de gestão e marketing esportivo, que aprimoraram, respectivamente, a organização e a divulgação desse fenômeno sociocultural chamado esporte.

## Futebol: profissão ou lazer?

Segundo dados da Federação Internacional de Futebol (Fifa), o Brasil possui 2.141.733 (dois milhões, cento e quarenta e um mil, setecentos e trinta e três) jogadores de futebol registrados (profissionais e amadores) na Confederação Brasileira de Futebol (CBF).





Saiba mais acessando o site oficial da Fifa: <http://pt.fifa.com/associations/association=bra/countryInfo.html>.

O número intriga: são mais de dois milhões de pessoas vivendo da profissão de jogador de futebol no Brasil? Será que todos eles sustentam suas famílias com os recursos obtidos nesse trabalho? São perguntas difíceis de serem respondidas, mas que movimentam o noticiário da imprensa. No jornal *Extra/RJ* de 13 de fevereiro de 2011, Rinaldo Martorelli, presidente da Federação Nacional

dos Atletas Profissionais de Futebol (Fenapaf), fez revelações impressionantes sobre a situação de jogadores da Série C do Campeonato Estadual de Futebol do Rio de Janeiro, entre elas: 95,2% recebem entre um e dois salários mínimos, e apenas 4,8% ganham acima de cinco salários mínimos. Segundo Martorelli, “(...) as negociações milionárias trazem a percepção do ganho fácil, e todo o mundo quer ser milionário da noite para o dia. O que não existe. Esses jogadores assalariados, quando param, não têm nada: dinheiro, estudo, profissão (...)”.

*A reportagem completa, com o título O Mundo de Ilusão da Bola, está no Caderno de Esportes do jornal Extra/RJ de 13 de fevereiro de 2011.*

A *Folha de S. Paulo* de 14 de março de 2010, depois de analisar mais de 10 mil contratos registrados pela CBF naquele ano, publicou: “Nada menos que 73% deles têm validade de, no máximo, seis meses, sendo que quase dois terços expiram em apenas quatro meses. Como a maioria dos campeonatos estaduais acaba antes do encerramento do primeiro semestre, não é exagero dizer que pelo menos metade dos jogadores profissionais do país – são 23 mil, segundo a CBF – não tenha um emprego na segunda metade da temporada”.

*A reportagem completa, com o título No País da Bola, Futebol Se Torna um Subemprego, está no Caderno de Esportes do jornal Folha de S. Paulo de 14 de março de 2010.*

A partir dessas informações, como explicar que, apesar dessa realidade tão perversa, a profissão de jogador de futebol atraia tantos interessados? Certamente, a mensagem que tem prevalecido no imaginário popular é a de que o sucesso é inerente à profissão. Entretanto, como lidar com os sonhos de milhares de crianças, adolescentes e jovens sem destruí-los, mas, ao mesmo tempo, sem alimentar ilusões?



Sonhar em ser um jogador de futebol é um direito como o de sonhar com qualquer outra profissão. Porém, é preciso entender o que encanta, de fato, no mundo do futebol e ter em mente que o trabalho, mesmo que prazeroso, continua sendo trabalho, e não lazer.

Atividades de lazer pressupõem a utilização criativa do tempo disponível de forma autônoma de qualquer obrigação profissional, religiosa, social, familiar, fisiológica ou outra. Isso não acontece na rotina semanal de um atleta de futebol (amador ou profissional), em que são exigidos carga horária diária de treinos; rigidez nos horários de dormir, de acordar e de se alimentar; finais de semana e feriados dedicados às competições; distância do convívio familiar diário, por causa de viagens, etc. Ao mesmo tempo, essa rotina possibilita a formação de novas amizades; a ampliação do universo cultural por conta das viagens a locais diferentes; a convivência em ambientes tradicionalmente saudáveis; e outras vantagens.



Pode-se concluir que a abordagem dessa temática como um conteúdo da Educação Física no segundo segmento do Ensino Fundamental, apesar de complexa, é tarefa do professor da disciplina e deve ser assumida levando-se em consideração os aspectos levantados anteriormente.



## Para usar em aula

- Exibir ou sugerir que os alunos assistam a filmes que tematizem a profissão de jogador de futebol, como: *Futebol* (João Moreira Salles Santiago, 1998); *Boleiros – Era uma Vez o Futebol* (Ugo Giorgetti, 1998); *Boleiros 2: Vencedores e Vencidos* (Ugo Giorgetti, 2006); *Show de Bola* (Alexander Pickl, 2008); e o vídeo *Vida de Atleta*, do programa *Profissão Repórter*, da Rede Globo (12 de abril de 2011).
- Propor que os alunos colem depoimentos de atletas e ex-atletas conhecidos, especialmente daqueles originários de camadas populares.
- Sugerir que sua turma entreviste alunos da Rede Municipal de Ensino que sejam atletas de seleções estaduais e/ou nacionais.

*O vídeo Vida de Atleta, do programa Profissão Repórter (12 de abril de 2011), está disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=HpKCnzAtLok>.*

## Balé clássico: o que há por trás de tanta beleza?

Algumas modalidades da dança, especialmente o balé clássico, fazem parte do universo de desejos (e, por que não dizer, de direitos) de crianças, adolescentes e jovens brasileiros, mesmo sendo práticas corporais pouco acessíveis a segmentos expressivos da população, pelo custo que demandam em vestuário específico, academia especializada e outros.



Dançar – e, especificamente, dançar com técnica – envolve um campo de conhecimentos diversificados, que vão do universo musical ao domínio minucioso dos movimentos corporais, passando, também, pela apropriação da multiplicidade de sentidos e significados inerentes às várias culturas presentes em nosso país e no mundo.

Historicamente, os limites de natureza econômica e social afastam os setores menos favorecidos da população (majoritariamente presentes nas escolas públicas) desse extenso campo de conhecimentos. Como em qualquer prática corporal na qual se pretende alcançar níveis de excelência como atleta ou bailarino, o acesso precoce e as condições objetivas inerentes a sua realização, entre elas, uma alimentação de qualidade e equipes de profissionais especializados – professores/técnicos, fisioterapeutas, fisiologistas, nutricionistas –, são determinantes para o sucesso de uma possível carreira profissional.

No caso específico do balé clássico, as condições para sua prática sempre foram pouco acessíveis à maioria da população não só do Rio de Janeiro, mas do país como um todo. A situação levou ao crescimento, nas últimas décadas, de projetos sociais originários, na maioria das vezes, do terceiro setor – ONGs, fundações, institutos – que propõem implantar o ensino do balé clássico em comunidades de baixa renda e, ao mesmo tempo, revelar talentos.



O encantamento provocado pelo universo mágico de uma carreira de bailarino profissional tem se traduzido em realidade em alguns casos que, pelo próprio inusitado da situação, se tornam, muitas vezes, temas do noticiário nacional e internacional. São histórias de meninas e meninos que, por uma conjunção de fatores – intensa dedicação familiar, superação de extremas dificuldades

(de moradia, financeiras, alimentares, etc.), competência individual e sorte –, chegam a patamares de sucesso que seriam inimagináveis dentro da conjuntura sociocultural e econômica de nosso país.

Mas, se o fato de ser selecionado, mesmo em situações tão adversas, é resultado de muito sacrifício (horas dedicadas a intensos treinamentos e ensaios), a permanência na carreira será ainda tão ou mais difícil. Dessa forma, sem perder de vista a importância de se estimular o sonho profissional das crianças, dos adolescentes e dos jovens de nossas escolas, é preciso conscientizá-los e seus familiares para que não sejam confundidos por informações veiculadas pelas mídias, de maneira muito romântica, sobre a carreira do bailarino clássico.

A disciplina de Educação Física tem papel relevante nesse trabalho e, por isso, deve incorporar ao seu programa curricular conteúdos que deem tratamento pedagógico à temática das atividades corporais – no caso específico, o balé clássico – como um ofício.

## Para usar em aula

- Exibir ou sugerir que os alunos assistam a filmes que tematizem a profissão de bailarino, como *Billy Elliot* (Stephen Daldry, 2000/Inglaterra), além do vídeo *Vida de Atleta*, do programa *Profissão Repórter*, da Rede Globo (12 de abril de 2011).
- Propor que os alunos colem depoimentos de bailarinos e ex-bailarinos renomados, especialmente daqueles originários de camadas populares.
- Sugerir que sua turma entreviste alunos da Rede Municipal de Ensino que sejam bailarinos de companhias conhecidas.



## Bibliografia básica

FREIRE, João Batista. *Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e Educação*. 3. ed. Campinas (SP): Papyrus, 1995.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Animação*. Campinas (SP): Papyrus, 1991.

\_\_\_\_\_. *Políticas Públicas Setoriais de Lazer: O Papel das Prefeituras*. Campinas (SP): Autores Associados, 1996.

\_\_\_\_\_. *Estudos do Lazer: Uma Introdução*. 4. ed. Campinas (SP): Autores Associados, 2006.

MELO, Victor Andrade de; ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. *Introdução ao Lazer*. Barueri (SP): Manole, 2003.



# Educação Física e Lazer

---



Historicamente, as sociedades e, inclusive, a organização espacial das cidades estão fortemente marcadas pelo trabalho; as pessoas organizam suas vidas e escolhem o lugar de moradia segundo a lógica do trabalho. Não é difícil alguém perceber em determinado momento que está sem ter o que fazer e, imediatamente, arrumar alguma coisa que ocupe seu tempo, para não se sentir culpado pelo ócio momentâneo. Na verdade, comportamentos como esses expressam sintomas de um cotidiano em que não há espaço para o lazer.

No entanto, os artigos 6º e 217 da Constituição da República (05/11/1988) estabelecem o lazer como um dos direitos sociais da população. Incluir nos planos de ensino da disciplina de Educação Física a temática da educação para e pelo lazer poderá contribuir para a formação de jovens, adultos e idosos conscientes desse direito social e, acima de tudo,

provê-los de competências para a utilização do tempo livre de forma crítica e criativa.

Neste capítulo, o objetivo é informar os alunos sobre o direito constitucional ao lazer de qualidade. Para isso, será sugerido que façam pequenas entrevistas com os familiares e moradores de seus bairros e suas comunidades (pessoas de diferentes faixas etárias) para saber, por exemplo: O que as pessoas entendem por lazer?; Qual o tempo livre de que dispõem?; Como aproveitam esse tempo?; Que lugares existem em seu bairro e/ou sua comunidade para o lazer?; E o que elas gostariam de fazer no tempo livre?

Pretende-se, com essa estratégia, provocar nos alunos a percepção de que o lazer é um direito social de todos os brasileiros e, a partir das reflexões geradas pelas entrevistas, instigá-los a buscar formas críticas e mais criativas de exercer esse direito.



## Lazer para todos

Compreender o lazer como um direito social tão importante e necessário quanto os direitos à habitação, ao emprego, ao transporte, à educação e à saúde pode ainda parecer uma utopia, especialmente em países que acumulam dívidas sociais históricas com segmentos expressivos de sua população.

Entretanto, estudos têm mostrado que, à medida que as pessoas são provocadas a pensar sobre seus direitos e sobre como eles impactam positivamente sua qualidade de vida, a temática do direito ao lazer surge fortemente entre as reivindicações prioritárias. Esses dados aparecem, principalmente, em pesquisas realizadas com jovens e adultos trabalhadores.

Segundo o professor e pesquisador Nelson Carvalho Marcellino (2002), para se ter lazer de fato, é preciso estar livre de obrigações profissionais, familiares, religiosas, fisiológicas, etc. O tempo livre (ou o tempo disponível, como Marcellino prefere considerar) é condição essencial para que uma atividade seja considerada de lazer. Nesse sentido, a variável tempo é fundamental.



Outra variável importante, segundo o mesmo autor, é a atitude frente às situações cotidianas, ou melhor, dependendo da atitude de cada um em relação à atividade na qual está envolvido, é possível definir se aquela pessoa está vivendo um momento de lazer ou de obrigação. Um exemplo bem simples pode ilustrar essa definição. Imagine alguém em casa que precise lavar a louça suja do almoço. Trata-se, certamente, de uma obrigação doméstica que, se não for realizada, ocasionará problemas de excesso de louça na pia da cozinha. No entanto, se a mesma tarefa fizer parte de uma gincana no acampamento de férias, a motivação será outra. E a atitude também.

Um exemplo interessante refere-se ao ato de ler, que pode ser ou não uma atividade de lazer, conforme a situação. Imagine alguém lendo um livro importantíssimo para prestar uma prova. A leitura, nesse caso, exigirá disciplina de horários para que se possa cumprir o cronograma de estudos. Agora, imagine uma pessoa em casa, confortavelmente, lendo um romance, sem compromisso de tempo para acabar, sem precisar sublinhar trechos importantes, fazer fichamento, etc. Pois bem, trata-se do mesmo ato cognitivo/motor (ler), sendo que, em duas situações distintas, as atitudes serão também distintas.

## Quanto tempo o lazer tem?

Parte considerável dos alunos das escolas municipais do Rio pertence às classes trabalhadoras, sendo que muitos deles convivem com familiares que, por força de suas trajetórias de vida, não compreendem o lazer como um direito social.

E, na verdade, ao se pensar matematicamente, a quantidade de horas de um dia não é suficiente para um trabalhador comum dispor de tempo livre para o lazer. Considere que um indivíduo durma oito horas por noite (nada de tão absurdo, ou seja, alguém que

deite às 22h e acorde às 6h). Se estiver no mercado formal, sua carga horária de trabalho, incluindo o almoço, somará um total de nove horas. Até o momento, já se foram 17 horas do dia (restam sete). Se essa pessoa usa duas horas para ir e duas para voltar do trabalho (quatro horas), ainda sobram três horas de seu dia. No caso de ter filhos, certamente, ao voltar para casa, é preciso algum tempo para cuidar deles (jantar junto, ver os deveres de casa, conversar sobre o dia, etc.). Isso pode levar em torno de duas horas, restando, agora, somente uma hora, do total de 24. É preciso acrescentar um tempo para os cuidados pessoais, como o banho, por exemplo, que, se durar 15 minutos, deixou apenas, ao final do dia, aproximadamente, 45 minutos de tempo livre (será mesmo?).



Claro que a situação descrita é hipotética, mas, sem dúvida, está muito próxima (com pequenas variações) da realidade cotidiana de muitos familiares dos alunos das escolas públicas. Diante disso, como, então, desejar que eles tenham condições de se apropriar do direito ao lazer?

Nesse sentido, a escola torna-se um espaço fundamental e estratégico para dotar crianças, adolescentes e jovens de conhecimentos acerca desse tema, criando condições para que compreendam o lazer como direito social e o tornem item importante em suas vidas.

Cabe destacar que a concepção de lazer como direito social abrange as perspectivas crítica, criativa/autônoma e emancipatória: crítica, no sentido de oferecer ao cidadão conhecimentos e informações que não o tornem um mero consumidor da indústria do entretenimento, cujo principal produto é a cultura de massa; criativa/autônoma, porque o indivíduo deve ter condições de gerir o seu tempo livre da maneira que lhe convier e interessar; e emancipatória, porque o lazer pode ser uma ferramenta estratégica para a organização de pessoas, de grupos e de comunidades na busca de conquistas específicas e históricas (praças, ciclovias, quadras, cinemas, teatros, etc.).

*Existem concepções diferenciadas sobre o tema do lazer. Uma delas, definida como compensatória, entende o lazer como espaço de reposição de energia do trabalhador, que vai prepará-lo para o seu trabalho (é a concepção que norteia instituições como o Serviço Social da Indústria – Sesi – e o Serviço Social do Comércio – Sesc). Em última instância, essa visão tem seu maior objetivo na melhoria da produtividade.*

(MARCELLINO, 2002.)

O objetivo, ao abordar o conteúdo “lazer”, é levar as crianças, os adolescentes e os jovens matriculados no segundo segmento do Ensino Fundamental à compreensão da

importância da conquista desse direito e, também, das barreiras (simbólicas e concretas) que os têm impedido, historicamente, de acessá-lo.



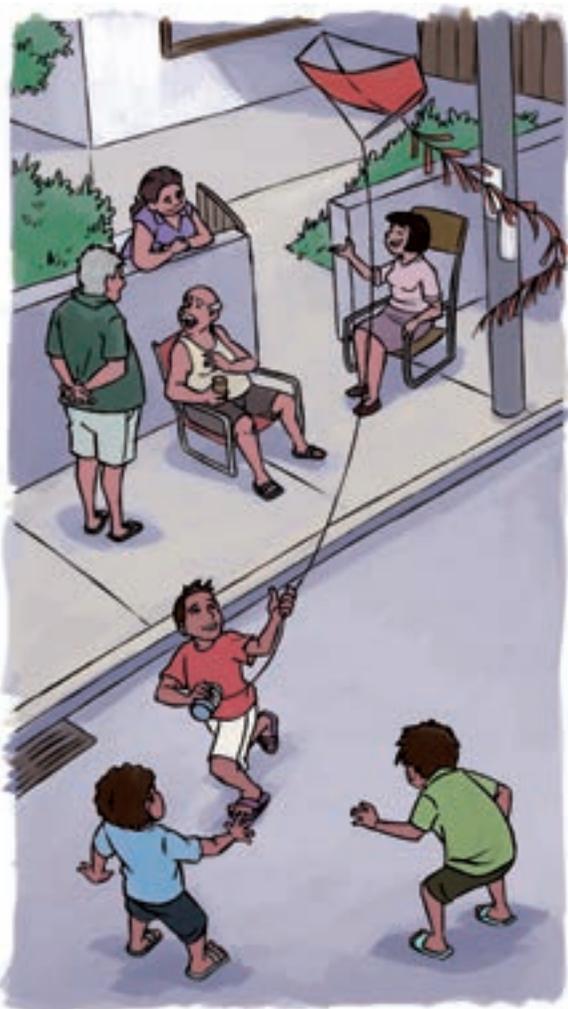
Será, então, proposto um protagonismo desses atores (alunos e alunas) no sentido de inventarem e reinventarem formas de usufruírem dos seus direitos ao lazer de qualidade. Nesse sentido, deverão ser considerados elementos importantes e presentes no cotidiano de diversas comunidades e nos bairros onde se localizam muitas das escolas municipais do Rio, como: a diminuição progressiva de espaços públicos disponíveis para o lazer; e os diferentes tipos de violência existentes nessas comunidades.

## Cadê aquele campinho que estava aqui?

Apesar do tom de brincadeira, a pergunta traz consigo um grau de realidade bastante atual. A ampliação dos empreendimentos do mercado imobiliário e a ocupação irregular crescente nos grandes centros urbanos têm transformado o desenho das grandes

cidades. Os antigos campos de várzea, as praças e os terrenos baldios (ótimos para jogar bola, soltar pipa, brincar de bola de gude, etc.) foram, aos poucos e sob nossos olhares distraídos, desaparecendo, e suas áreas, sendo ocupadas por prédios, empreendimentos imobiliários, moradias populares, ruas e viadutos.

Brincadeiras como queimado, bandeirinha, pique-esconde e famílias sentadas na porta de casa conversando são cenas que não se veem mais. E a pergunta permanece: as cidades, atualmente, estão mais preparadas para o lazer ou para o trabalho? De que forma e por quem as ruas e as praças estão sendo ocupadas hoje em dia? Impossível voltar ao tempo em que havia menos carros nas ruas e menos prédios construídos; entretanto, não se pode deixar de considerar que a cidade deveria ser do e para o cidadão.



*Segundo estudo realizado nas cidades de Bogotá e Medellín (Colômbia), Caracas e Maracaibo (Venezuela), Buenos Aires (Argentina), Rio de Janeiro e Niterói (Brasil) e publicado no ano de 2009, a maneira como os equipamentos culturais urbanos se disponibilizam espacialmente nas cidades impacta, radicalmente, o acesso das pessoas ao lazer e aos bens culturais.*

(MELO; PERES, 2009.)

A diminuição e, em alguns casos, a ausência de espaços, principalmente públicos, dificultam o acesso de qualidade de crianças, adolescentes e jovens a atividades de lazer. Locais em boas condições onde se possa brincar, conversar com amigos, ler, contemplar a natureza, namorar, etc. são cada vez mais raros nos bairros em que a maioria dos alunos da Rede Municipal reside.

Passear em *shopping centers*, frequentar *lan houses* e assistir a TV constitui-se em opções de entretenimento para esse público. Nesse sentido, deve-se considerar a baixa qualidade de ofertas culturais presentes tanto nos shoppings como na programação das televisões abertas. Sabe-se que a ampliação do universo cultural dos nossos alunos dependerá das possibilidades de acesso – e da qualidade do acesso – aos bens culturais produzidos historicamente pela humanidade e que, somente dessa forma, eles terão condições de fazer escolhas conscientes e críticas, sem serem direcionados pelo poder da mídia.

É interessante observar que, se, de um lado, há uma crescente ausência de disponibilidade de espaços públicos para a prática do lazer,

de outro, a própria população cria suas opções. Por exemplo, a prática do skate, em suas diversas modalidades, como: *freestyle*, *vertical*, *downhill slide*, etc. Como a maioria dos bairros não dispõe de espaços e equipamentos adequados para o esporte, os praticantes se apropriam da arquitetura existente e lhe dão um novo significado.



Outra prática que vem crescendo em praias e praças e que também revela essa apropriação e ressignificação do espaço urbano pelo habitante da cidade é o *slackline*. Para a atividade, o praticante deve equilibrar-se sobre uma fita fixada/tensionada entre dois pontos, geralmente em troncos de árvores, a uma determinada altura do chão. Tanto a altura quanto a tensão vão variar de acordo com o nível de experiência de quem faz a atividade, e o desafio é se manter equilibrado na fita.

Existem muitos outros exemplos de ocupação e ressignificação do espaço urbano para a prática do lazer, como: projeções de filmes em praças públicas, em salas de escolas, em quadras esportivas e em outros locais;

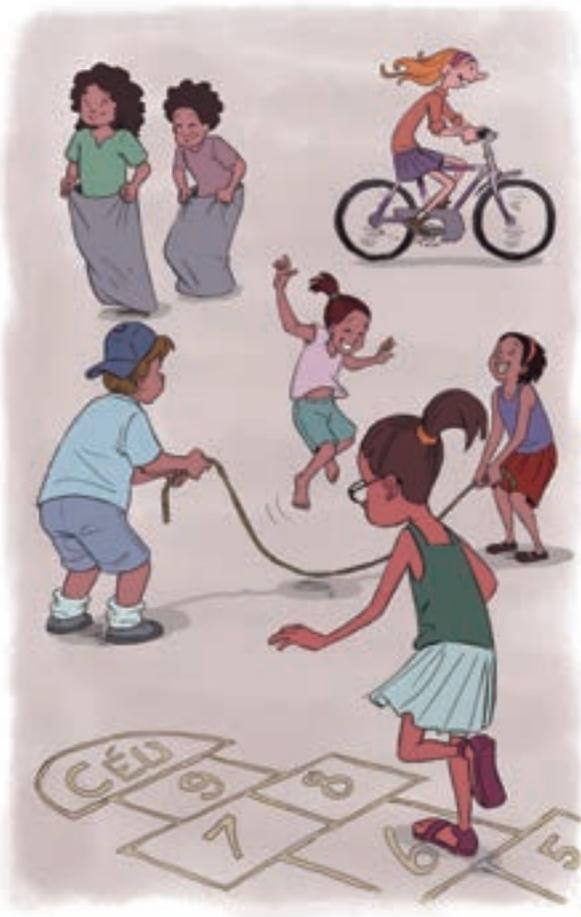
caminhadas à beira de rodovias; criação de bibliotecas comunitárias; etc. Entretanto, o que se deseja, como principal objetivo da disciplina de Educação Física ao abordar essa temática, é despertar nos alunos a compreensão acerca dos seus direitos aos espaços e aos equipamentos de lazer de qualidade e atentar para o fato de que, mesmo na inexistência destes, a vivência do lazer (ainda que precária) pode mobilizar e organizar pessoas na busca de melhores condições para usufruí-lo.

## Precisamos tirar as crianças das ruas!

A maioria dos projetos/programas sociais de caráter cultural e/ou esportivo tem entre seus principais objetivos a retirada da rua de crianças, adolescentes e jovens. Justamente a rua, que, outrora, era o lugar do encontro e da convivência entre os cidadãos, tornou-se sinônimo de perigo e de abandono. A situação remete à década de 1940, quando foi criada a Lei das Contravenções Penais (1941), que, no seu artigo 59, prevê a prisão simples, de 15 dias a quatro meses, para os que se “entregarem habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover à própria subsistência mediante ocupação ilícita”. Ou seja, foi uma lei criada (como não havia prisão preventiva) para a polícia punir por ociosidade em um país que, na época, vivia graves problemas de desemprego.

*Veja no jornal O Globo de 19 de junho de 2011, primeiro caderno, p. 4, a reportagem sobre leis brasileiras que ficaram perdidas no tempo, apesar de existirem até os dias de hoje.*

Apesar de estar em vigor até os dias de hoje, a Lei das Contravenções Penais não é mais usada, no Rio de Janeiro, como justificativa para prender alguém “ocioso” na rua. Entretanto, ficar na rua, atualmente, ganhou, da mesma forma, uma conotação negativa. É certo que existem, ainda, muitas regiões consideradas de risco em nossa cidade. Mas também é certo que a sensação de medo e de insegurança que invadiu e se instalou no cotidiano do carioca, principalmente daquele que mora em áreas conflagradas, precisa ser superada, sob o risco de as pessoas não quererem mais sair de suas casas.



Portanto, a ideia de ocupar, novamente, as ruas (e não se retirar delas) deve ser socializada entre os alunos das escolas públicas do Rio, e as atividades de lazer são um passo importante nessa retomada.

## Como a Educação Física contribui para essa abordagem?

As aulas de Educação Física podem assumir o protagonismo do debate, no interior da instituição escolar, sobre o direito de todos ao lazer de qualidade e, conseqüentemente, sobre o direito de ocupar, sem medo, as ruas da cidade, recuperando a alegria, a criatividade e promovendo a cultura e o respeito ao outro.

Cabe, ainda, lembrar um importante papel relacionado aos conteúdos que serão abordados pelo professor de Educação Física no exercício de sua docência perante os alunos matriculados no segundo segmento do Ensino Fundamental. Trata-se do que Marcellino (2002) chama de duplo aspecto educativo do lazer, ou seja, educar **pele** e **para** o lazer.

Segundo o pesquisador, não basta educarmos crianças, adolescentes e jovens pelas atividades de lazer. Certamente que, por meio das infinitas possibilidades que elas proporcionam (cinema, teatro, leitura, brincadeiras, esportes, cursos, palestras e outras), o professor de Educação Física terá condições privilegiadas de socializar novos conhecimentos, promover as culturas locais, refletir sobre valores morais, etc... No entanto, há um desafio igualmente importante nas ações de lazer desenvolvidas no ambiente escolar e também fora dele, que é a educação para o lazer. Isso quer dizer entender como fundamental a formação do espectador, daquele que assiste (a espetáculos, peças, projeções, palestras, etc.), que visita (exposições, parques ecológicos, etc.) e que observa (o tempo, o pôr do sol, o luar, o canto dos pássaros, etc.).

Saber se portar em uma exposição, em uma visita ou até mesmo ao contemplar a natureza é um aprendizado e, nesse sentido,

deve ser ensinado. Há quem defenda que essa responsabilidade é da família, mas, certamente, a escola, por meio do conteúdo sobre lazer desenvolvido nas aulas de Educação Física, poderá abordar a temática e, inclusive, impactar os hábitos culturais dos familiares dos alunos.



### Para usar em aula

- Exibir ou sugerir que os alunos assistam a filmes que vão provocar um debate posterior sobre o direito ao lazer, como *Tempos Modernos* (Charles Chaplin, 1936/EUA) e *Pro Dia Nascer Feliz* (João Jardim, 2006/Brasil).
- Propor que os alunos colem depoimentos de familiares e vizinhos sobre os espaços disponíveis e as práticas de lazer existentes em décadas passadas nos bairros onde moram.

- Sugerir que sua turma entreviste crianças, adolescentes e jovens alunos da Rede Municipal de Ensino para saber se eles diminuíram suas práticas de lazer por falta de espaços disponíveis e pelo aumento da violência.
- Propor que a turma ouça crianças, adolescentes e jovens alunos da Rede Municipal de Ensino e moradores de comunidades pacificadas sobre se retomaram suas atividades de lazer em virtude da recuperação dos espaços públicos e da ampliação da sensação de segurança.
- Ir com os alunos a espetáculos de dança, de música (clássica, popular, etc.), eventos esportivos, exposições, centros culturais, bibliotecas e outros locais e, em seguida, propor debates e reflexões sobre o que foi visto; como foi entendido pelos alunos; e como cada aluno e o próprio grupo se portaram durante o espetáculo, etc.
- Visitar mostras de fotografia que revelem as alterações urbanísticas e as mudanças das práticas culturais dos bairros e das comunidades onde os alunos residem.

## Bibliografia básica

DUMAZEDIER, J. *A Revolução Cultural do Tempo Livre*. São Paulo: Nobel/Sesc, 1994.

\_\_\_\_\_. *Valores e Conteúdos Culturais do Lazer*. São Paulo: Sesc, 1980.

\_\_\_\_\_. *Lazer e Cultura Popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e Educação*. 3. ed. Campinas (SP): Papirus, 1995.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Animação*. Campinas (SP): Papirus, 1991.

\_\_\_\_\_. *Políticas Públicas Setoriais de Lazer: O Papel das Prefeituras*. Campinas (SP): Autores Associados, 1996.

\_\_\_\_\_. *Estudos do Lazer: Uma Introdução*. 3. ed. Campinas (SP): Autores Associados, 2002.

MELO, Victor A. de; PERES, Fábio de F. (coord.) *Equipamentos Culturais na América do Sul: Desigualdades*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

# Educação Física, Valores e Atitudes

---



Temas como ética, valores morais e atitudes estão presentes, de forma significativa, nas relações familiares, no trabalho e no ambiente escolar e, por sua relevância, deveriam ser trabalhados por todos os educadores comprometidos com a construção de uma sociedade mais harmoniosa e tolerante às diferenças individuais e à diversidade cultural.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais orientam a abordagem desses temas em uma perspectiva pedagógica transversal, estimulando educadores a romper as barreiras simbólicas de suas respectivas áreas de conhecimento na escola. Nesse sentido, a disciplina de Educação Física oferece um campo fértil de conteúdos a serem desenvolvidos na Educação Básica, em especial no segundo segmento do Ensino Fundamental.

Neste capítulo, serão sugeridas atividades lúdicas e esportivas que estimulem debates e reflexões sobre o respeito às diferenças de habilidades intelecto-motoras, religiosas, de compleição física, de orientação sexual e àquelas provenientes de deficiências físicas e/ou intelectuais.

Serão propostas, ainda, vivências de jogos e de esportes em que ocorrem mais notadamente situações de discriminação, para que as diferentes características dos praticantes desses jogos e esportes sejam valorizadas, naturalmente sem prejuízo da qualidade e da eficiência da execução.

Com essa estratégia pedagógica, pretende-se não somente ressaltar a importância do respeito às diferenças, mas também transmitir aos alunos valores éticos universais, para além dos muros escolares.



## Respeito às diferenças

Tradicionalmente, é creditada à disciplina de Educação Física, tanto no interior da escola como fora dela, a tarefa de desenvolver nos alunos competências de naturezas similares às originadas em afirmações clássicas como: “através dos jogos e esportes, o aluno aprenderá a respeitar regras e a ser disciplinado”; “o aluno, por intermédio do esporte, deverá saber lidar com a vitória e com a derrota”; “os jogos e os esportes contribuirão para os alunos respeitarem as diferenças entre as pessoas”; e outras.

Há verdades e exageros nas afirmações. Mas sabemos que os mesmos esportes/jogos que podem ser indutores de posturas solidárias e de atitudes civilizadas também podem levar a processos severos de exclusão, de agressão e, principalmente, de preconceitos de diversas ordens – gênero, orientação sexual, etnia, opção religiosa, habilidade intelecto-motora, etc. Isso é percebido nos ambientes em que se realiza o esporte de alto rendimento ou de alto nível e, igualmente, no cotidiano de nossas escolas, seja nas aulas de Educação Física, seja nos eventos esportivos.



*A classificação “esporte de alto rendimento” é tão importante que se tornou referência para a denominação das demais: esporte estudantil, esporte de lazer, etc.*

A soberania do vitorioso sobre o derrotado; a escolha dos mais habilitados para compor as equipes; a supervalorização do alto rendimento em detrimento do lúdico; e a rigidez de regras impostas, que inibem a construção coletiva, formam um conjunto de fatores que caracteriza o esporte, mas dificulta sua utilização como ferramenta pedagógica para trabalharmos temas importantes, entre os quais inclusão, tolerância, respeito às diferenças e solidariedade.

Outras práticas corporais, como as lutas, as diferentes modalidades de ginástica e as danças, também podem contribuir tanto para a inclusão quanto para a exclusão de crianças, adolescentes e jovens, por não se enquadrarem em um perfil de bons executores em atividades escolares – nas aulas de Educação Física, em festivais culturais, em mostras e em outras.

*Para ilustrar os temas de que falamos aqui, o professor pode assistir com os alunos ou sugerir que eles vejam em casa o DVD do filme Pequena Miss Sunshine, de Jonathan Dayton e Valerie Faris (2006, EUA). A história sobre a viagem de uma família que leva a caçula a um concurso de beleza fala, de forma leve e divertida, sobre competitividade e convívio com as diferenças dentro de casa.*



Muitas vezes, mesmo sem querer excluir, os próprios professores expõem os alunos a grandes frustrações, como acontece em apresentações de dança, nas quais selecionam os mais talentosos de suas turmas, e na própria organização coreográfica, quando os menos habilidosos ficam atrás, no fundo do palco.

Diante desses exemplos, a escola e, em particular, a disciplina de Educação Física podem constituir-se em espaços em que a prática de esportes, jogos, danças, ginásticas e lutas seja uma forte aliada na construção de novos conhecimentos para os alunos e, principalmente, na consolidação de valores essenciais que fomentem relações humanas mais fraternas e respeitadas.

## Um espaço privilegiado

Apesar da amplitude de abordagens que a temática oferece, este capítulo está voltado para a apresentação de atividades destinadas às turmas do segundo segmento do Ensino Fundamental que darão tratamento pedagógico, por meio do ensino de esportes, jogos, danças e diferentes modalidades de ginástica, a alguns conteúdos classificados,

segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, MEC, 1997), como de natureza atitudinal, como: inclusão, tolerância, respeito às diferenças, solidariedade, etc.

Esses conteúdos, sugeridos nos PCNs para serem tratados, pedagogicamente, de maneira transversal, encontram na disciplina de Educação Física a potencialidade para abordá-los por intermédio de outros conteúdos previstos em seu currículo. Isso acontece pelo fato de as aulas se darem, na maioria das vezes, em um ambiente diferente do da sala de aula tradicional, caracterizada pela organização das cadeiras em fileiras separadas e pela imobilidade dos alunos.

Na Educação Física, os estudantes realizam tarefas individuais ou coletivas com o corpo e têm necessidade frequente de se organizar em equipes para determinadas atividades, o que possibilita diferentes vivências, entre elas exercitar o respeito às diferenças de diversas ordens, a tolerância, a capacidade de ouvir e a tomada de decisões em grupo, entre outras. Mas não é o bastante. Essas vivências precisam da presença ativa do professor, criando situações que provoquem a reflexão e o debate, mas que não gerem expectativas inatingíveis ou frustrações demasiadas nos alunos.

Como sugestão de atividades, serão priorizados os conteúdos para as faixas entre 10 e 15 anos que possibilitem, de maneira diversificada, a abordagem dos temas propostos neste capítulo.

## Futsal

Como todo jogo ou esporte coletivo, o futsal demanda a formação de equipes para sua execução. Porém, que critérios adotar na montagem dos times? Como evitar a superexposição de um aluno pouco habilidoso? Como garantir que nem os mais nem os menos talentosos saiam frustrados do jogo?





O grande desafio, sem dúvida, será o de fazer com que os alunos compreendam como direito universal o acesso aos conhecimentos produzidos pela humanidade (o futsal é um deles). Portanto, quem desejar pode aprender a jogar essa modalidade de esporte sem sofrer constrangimentos em razão de sua condição física, sua orientação sexual, sua habilidade, sua origem socioeconômica, sua etnia ou mesmo por ser, eventualmente, portador de alguma deficiência.

*O futsal também é conhecido como o esporte da bola pesada. Nas décadas de 1930 e 1940, quando começou a ser praticado, as bolas eram de serragem, crina vegetal ou de cortiça granulada. Leves demais, quicavam muito e saíam da quadra, atrapalhando o jogo. Para resolver esses problemas, diminuíram o tamanho da bola e aumentaram o seu peso. A bola pesada acabou se tornando uma das características do futebol de salão.*

Fonte: [www.futsaldobrasil.com.br](http://www.futsaldobrasil.com.br).

Para desenvolver atividades esportivas de natureza coletiva e que dialoguem de maneira produtiva com os princípios da tolerância e da diversidade, deve-se começar pelo conceito de tática. Segundo o historiador e sociólogo francês Michel de Certeau, “táticas são iniciativas tomadas pelos indivíduos como reação ao poder instituído (que ele chama de estratégias), utilizando-se das brechas existentes no interior desse sistema para obter êxitos temporários”. A afirmação nos leva a desmistificar a tática como privilégio de poucos, geralmente, os técnicos esportivos e os comandantes das grandes batalhas.

*Michel de Certeau defende que “para agir taticamente devemos buscar dentro de cada situação/problema saídas que nos proporcionem êxito”. E não é isso que vemos acontecer permanentemente nos jogos e esportes coletivos?*

A partir desse conceito, vamos estimular que os alunos se organizem taticamente para o futsal, de forma que suas equipes, mesmo compostas de maneira heterogênea, ou seja, contando com indivíduos tão diferentes em habilidade, força física, sexo, etc., consigam resultado. E, quando não conseguirem, que encontrem meios/táticas, sem discriminação, intimidação, exclusão ou opressão, para se reorganizar e tentar novamente.

Parece simples, mas, na verdade, os professores de Educação Física lidam com turmas que aprenderam, fora da escola, conceitos como “no esporte sempre vence o melhor” e que, para isso, deve-se eliminar qualquer impedimento, inclusive os colegas de turma que não sabem jogar.

## Frescobol e peteca



Existem duas diferenças importantes entre a prática do futsal (ou qualquer outro jogo/esporte coletivo) e o frescobol e a peteca, além do tipo de material utilizado e da quantidade de jogadores. A primeira delas refere-se a um hábito cultural que popularizou o frescobol e a peteca como jogos de praia, e, portanto, quem mora longe do litoral (a maioria da população carioca) não pratica nem um nem outro.

A segunda diferença está ligada à lógica dos jogos: tanto no frescobol como na peteca há uma intenção permanente de colaboração entre os jogadores. Se isso não acontecer, a bola ou a peteca cai no chão e a atividade é descontinuada.

*Curiosamente, a peteca sempre esteve relacionada à cultura mineira. Ou seja, além da praia, o jogo de peteca é típico do estado de Minas Gerais.*

*De origem indígena, a palavra “peteca” significa “bater”. Os índios costumavam brincar com o objeto, feito com uma trouxinha de folhas cheia de pedrinhas dentro e amarrada a uma espiga de milho. Já o frescobol surgiu muito tempo depois, no Rio de Janeiro, nas areias da Praia de Copacabana. Esporte de baixo custo, só precisa de um par de raquetes e uma bola pequena para sua prática. Não requer quadra, rede nem piso especial, além de ser fácil e muito divertido.*

Fontes:

<http://educacao.uol.com.br/>

[cultura-brasileira/ult1687u12.jhtm](http://cultura-brasileira/ult1687u12.jhtm) e

[www.brasilecola.com/educacaofisica/frescobol.htm](http://www.brasilecola.com/educacaofisica/frescobol.htm).

Diante das características distintas do frescobol e da peteca em relação ao futsal, os conteúdos a serem trabalhados nas aulas de Educação Física precisam ter como objetivos principais romper com a herança cultural que relaciona as duas atividades à praia e provocar nos alunos reflexões sobre a importância da valorização do outro como elemento essencial para o aprendizado de cada um.



Dessa forma, a relevância do jogar “com o outro”, e não “contra o outro”, deve permeiar toda a ação educativa que se pretende desenvolver.

*Há uma crônica escrita por Rubem Alves no livro O Retorno e Terno (1992) chamada Tênis x Frescobol, que aborda de maneira muito curiosa o sentido de colaboração no jogo de frescobol.*

## Hip-hop



Desenvolver o conteúdo da dança sempre foi um grande desafio para os professores de Educação Física. Além da falta de espaços e de equipamentos nas escolas, a própria formação acadêmica desses professores, geralmente muito esportivizada, não oferece muitos subsídios para eles tratarem, pedagogicamente, uma prática corporal construída e aprimorada pela humanidade. E que, por isso mesmo, deveria estar presente nos programas escolares da disciplina.

Existe, ainda, uma resistência dos alunos (principalmente os meninos) em se expor, no ambiente escolar (acontece bem menos nos bailes e nas festas), às vivências rítmicas que fazem parte do conteúdo da dança. A situação é agravada até pela questão espacial das quadras e dos pátios das escolas, usados normalmente para a Educação Física e que se localizam, geralmente, em espaços devassados, sem paredes ao redor.

Apesar disso, a dança (e suas modalidades) constitui-se em um conteúdo forte no interior da escola. Além de agregar conhecimentos ao repertório cultural dos alunos, é um espaço de reflexão sobre os preconceitos abordados neste capítulo em relação à compleição física, à orientação sexual, à habilidade, à deficiência física e outros.

Na história da dança, encontra-se um universo amplo e diversificado de ritmos e de movimentos que expressam crenças, hábitos, formas de convivência, enfim, culturas que se perpetuam e se modificam a partir dessa prática corporal. Nesse universo, o hip-hop destaca-se como um conteúdo fértil a ser desenvolvido com alunos do 6º ao 9º ano de nossas escolas municipais.

*O hip-hop é uma cultura artística que começou na década de 1970 em áreas centrais de comunidades jamaicanas, latinas e afro-americanas da cidade de Nova York. Afrika Bambaataa, reconhecido como o criador oficial do movimento, estabeleceu quatro pilares essenciais na cultura hip-hop: o rap, o Djing, a breakdance e o grafite. A moda e as gírias próprias também caracterizam o movimento.*

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Hip\\_hop](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hip_hop).



Exatamente por a dança no hip-hop ter como sua maior marca o improviso, foi identificado um potencial para o trabalho com grupos de alunos que apresentam diferentes níveis de habilidades, ritmos, gostos, desejos, composições físicas, etc. A inexistência, nas danças de rua, de rígidos padrões de performance e de execução, presentes em outras modalidades, é um elemento facilitador para atrair alunos que, tradicionalmente, se recusam a participar de atividades dessa natureza. Outro dado positivo é que o hip-hop e outras danças de rua foram incorporados aos hábitos culturais de parcelas significativas de crianças, adolescentes e jovens do Rio de Janeiro e de todo o Brasil.

*No hip-hop, o estilo pessoal é de grande importância na performance porque as características próprias de cada desempenho acrescentam possibilidades de inovação e de criação de novos estilos. Como existe uma grande variedade deles, por convenção, todos são chamados de break dance, e o dançarino, de breakdancer, breaker, b-boy ou b-girl.*

Fonte: <http://pt.wikipedia.org>.

Pelas características mencionadas, o professor de Educação Física, em seu planejamento de ensino, terá melhores condições de desenvolver o conteúdo da dança através do hip-hop e de sublinhar, em sua ação pedagógica, a importância da valorização e da tolerância com o diferente.

## Para usar em aula

Promover uma Feira Cultural na escola em que se apresentem as turmas que trabalharam com dança. As coreografias seriam elaboradas por todos os alunos (através de um trabalho conjunto), que criariam suas performances individuais ou em grupos, a partir do que foi apreendido. Dessa forma, todos teriam oportunidades e condições efetivas de se apropriar, de maneira lúdica, de um conhecimento novo, respeitando as limitações e as potencialidades de cada um.





*Para compreender melhor o conteúdo deste capítulo, recomenda-se a leitura do livro Educação e Poder: Introdução à Pedagogia do Conflito, do professor Moacir Gadotti (Ed. Cortez, 1985).*

## Bibliografia básica

ALVES, Rubem. Tênis x Frescobol. In: *O Retorno e Terno*. São Paulo: Papirus, 1992.

BRASIL, MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC – SEF, 1997.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 1994.

GADOTTI, Moacir. *Educação e Poder: Introdução à Pedagogia do Conflito*. São Paulo: Cortez, 1985.

## Site consultado

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Hip\\_hop](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hip_hop)



# Texto Complementar





# Revisitando a disciplina da Educação Física

.....  
*Luiz Otavio Neves Mattos*

A Educação Física é um componente do currículo escolar que possui, em sua essência, uma particularidade que, de certa forma, a diferencia das demais disciplinas e áreas de conhecimento presentes nos currículos escolares. Trata-se da predominância do caráter prático de seus conteúdos pedagógicos.

Fica difícil imaginarmos um plano de ensino anual de um professor de Educação Física no qual não estejam previstas atividades que solicitem movimento corporal. Mesmo que a unidade de ensino desenvolvida pressuponha pouca intensidade de movimentação corporal, como, por exemplo, um planejamento que trabalhe o conteúdo “jogos de salão” (xadrez, dama, jogo com cartaz, etc.), é possível identificarmos grandes diferenças entre uma aula com essas características e uma aula realizada em sala, dentro de padrões tradicionais, ou seja, uma aula expositiva ou frontal, como nos diz Perrenoud (1998).

Vale destacar que não há, neste texto, a intenção de criticar este ou aquele modelo de aula. Acreditamos que todos têm sua especificidade e devem ser acionados pelos docentes de acordo com as variáveis presentes no cotidiano de suas práticas: tempo, espaço, objetivos, número de alunos, quantidade de material, etc. Destaquemos, também, a riqueza pedagógica que uma aula de Educação Física pode proporcionar, mesmo sendo realizada no interior de uma sala de aula, de maneira expositiva, usando, ou não, recursos audiovisuais. Portanto, não se trata de criticar modelos de aula.

Trata-se, somente, de reconhecermos (sem paixões e preconceitos) que há uma predominância de aulas de Educação Física que pressupõem o movimento corporal dos discentes no decorrer do ano letivo.

Como consequência desse fato, há debates e reivindicações históricas no campo da Educação Física escolar que têm suas origens – pelo menos parte delas – marcadas por essa especificidade como disciplina curricular. Por exemplo: a) o tratamento menos nobre (Forquin, 1996) dispensado à Educação Física, principalmente, nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, nos momentos de avaliação dos alunos; b) a inexistência ou o número pequeno de aulas por semana da disciplina em algumas escolas públicas e privadas; c) a falta de espaço adequado (pátio, quadra, piscina, etc.) para a realização das aulas de Educação Física de natureza prática; d) a ausência de material pedagógico específico para o desenvolvimento das aulas (bolas variadas, cordas, trampolins, raquetes, tacos, etc.).

Certamente que componentes curriculares como Matemática e Língua Portuguesa não vivem mais esses dilemas. Seja pelas características de seus conteúdos específicos, que, tradicionalmente, não demandam espaços e materiais tão próprios, como, também, pela relevância acadêmica que adquiriram nas disputas históricas travadas no campo (Bourdieu, 1996) educacional. Especificamente na composição dos currículos escolares dos diversos segmentos de ensino, essas



disciplinas e seus respectivos docentes consolidaram conteúdos e métodos que, bem ou mal, ganharam status de nobreza acadêmica que os legitimaram entre a população usuária dos serviços das escolas públicas e privadas brasileiras e de outros países.

Não temos a intenção de entrar no mérito do debate sobre a qualidade e a relevância dos conteúdos programáticos e das aulas dessas duas disciplinas escolares. A breve comparação tem a singela pretensão de sublinhar algumas particularidades da disciplina de Educação Física para que possamos, a partir delas, pensar formas pedagogicamente criativas e academicamente consistentes para dotarmos professores e professoras da disciplina de estratégias metodológicas e competências que nutram seus fazeres cotidianos nas salas e quadras de aula de nossas escolas.

## Eixos estruturantes para o trabalho da Educação Física na Educação Básica

Podemos afirmar que, atualmente, um conjunto expressivo de professores de Educação Física já se apropriou dos elementos históricos que, de certa forma, explicam a trajetória da Educação Física como disciplina escolar.

Somos sabedores de que a predominância de um modelo de aula pautado pela busca da aptidão física (Daolio, 1998 e Castellani Filho, 1998) teve seu auge nas décadas de 1960, 1970 e no início dos anos 1980 em nosso país. Razões políticas, econômicas e sociais deram sustentação a uma concepção de Educação Física que privilegiava a constituição de uma sociedade composta por mulheres e homens ordeiros, preparados fisicamente e disciplinados para contribuir na construção de uma nação, também, forte, ordeira e disciplinada.

As aulas de Educação Física (também chamadas, à época, de sessões) se caracterizavam por momentos de corridas, exercícios físicos localizados (semelhantes à ordem unida executada nos quartéis militares) e, geralmente, uma prática esportiva ao final.

Não obstante os equívocos científicos presentes nessa concepção de Educação Física, porque se desconsideravam os princípios científicos do treinamento esportivo – especificidade, individualidade biológica, frequência, sobrecarga e intensidade (Tubino e Moreira, 2003) –, há que se considerar que tal paradigma deixou marcas profundas (sem exagero de expressão) na história desse componente curricular. Não são poucas as pessoas que, mesmo nos dias atuais, relembram, com certa dose de insatisfação, os momentos pouco prazerosos proporcionados pelas sessões de Educação Física nos tempos de escola.

Como almejar uma aptidão física ideal que elevasse os condicionamentos físico, cardiovascular e respiratório dos alunos se os princípios citados anteriormente não eram respeitados?

Como garantir a aplicabilidade daqueles princípios científicos em turmas numerosas (comprometimento do princípio da individualidade biológica), com aulas entre uma e duas vezes por semana (comprometimento dos princípios da frequência, da sobrecarga e da intensidade) e sem metas específicas a serem alcançadas (comprometimento do princípio da especificidade) para cada aluno?

Importante ressaltar que esse modelo de aula e essa concepção de Educação Física, até o início da década de 1980, tinham nos anos finais do Ensino Fundamental (antigo ginásio) e no Ensino Médio (segundo grau, à época) seu campo quase que exclusivo de atuação. Os anos iniciais do Ensino Fundamental (ou a escola primária, como era conhecida) não contavam, na sua grande



maioria, com a figura do professor de Educação Física. Essa situação pode ser explicada, de certa forma, pela ausência de disciplinas nos cursos brasileiros de licenciatura em Educação Física que tivessem como foco a criança pequena, fator esse gerador de uma formação deficitária dos professores para atuarem nos anos iniciais na escola primária.

Esse cenário provocou, no meio profissional e acadêmico, a procura de saídas que dessem conta dessa lacuna na formação do docente de Educação Física. As décadas de 1970 e 1980 foram demarcadoras dos diálogos de alguns professores brasileiros com os estudos sobre: a) o desenvolvimento psíquico/afetivo/motor infantil, realizados por Henri Wallon (1941, 1949); b) a educação psicomotora, por intermédio de Jean Le Boulch (1982, 1987); c) a psicomotricidade relacional, desenvolvida por André Lapierre & Bernard Aucouturier (1984), e o desenvolvimento intelectual e moral das crianças, realizado por Jean Piaget (1971); entre outros. Esses diálogos foram fundamentais para gerar conhecimentos e formulações que deslocassem o fazer pedagógico da Educação Física na escola primária do senso comum para um fazer ancorado na compreensão de como uma criança pequena se desenvolvia nos seus aspectos motores, cognitivos e psíquicos. Não podemos afirmar que nesse período histórico (especificamente a década de 1980) houve, da mesma forma que no paradigma da aptidão física, uma hegemonia dessa concepção (que podemos chamar de psicomotora) nas aulas de Educação Física em nossas escolas. Poderíamos falar, sim, de uma predominância da defesa dessa concepção no debate acadêmico, mas que não se traduzia com desenvoltura no cotidiano das escolas.

De qualquer forma, é verdade que passamos a assistir, a partir desse período, a professores de Educação Física atuando na escola

primária, com crianças pequenas, balizados por uma concepção que os amparava teórica e metodologicamente. O que até então não era comum. Passamos a conviver com planejamentos de ensino que previam entre seus conteúdos e objetivos conceitos como: lateralidade, esquema corporal, coordenação motora fina, coordenação motora grossa, coordenação óculo-pedal, etc. Tudo em nome da superação da dicotomia corpo/mente tão presente, segundo os estudiosos, no paradigma da aptidão física, até então predominante no campo da Educação Física.

Entretanto, a apropriação dessa concepção pelas diversas redes de ensino sem o devido debate e esclarecimento levou-a a ser interpretada e, conseqüentemente, traduzida em aulas que tinham como um de seus objetivos principais a contribuição para que o aluno apreendesse melhor os conteúdos das disciplinas tradicionais. Explicando melhor, os planejamentos e as aulas eram organizados de maneira que tornasse a Educação Física forte parceira, em virtude do seu potencial lúdico, para o aprendizado do aluno na escola. Um verdadeiro apêndice das demais disciplinas ou áreas de conhecimento.

Cabe esclarecer que não fazemos aqui uma crítica ao paradigma da psicomotricidade, mas sim às formas através das quais ela foi apropriada pelos professores e pelas redes de ensino.

Mas a década de 1980 não parou por aí para a Educação Física!

Embalados pelos ventos do movimento da redemocratização brasileira, diversos educadores brasileiros experimentaram uma nova fase para a nossa educação, em especial para a educação pública voltada para os segmentos mais empobrecidos da população. Autores como Dermeval Saviani (1988), José Carlos Libâneo (2002), Paulo Freire (1987), entre outros, tornaram-se referenciais importantes na construção de alternativas

1. Em relação a essa temática, consultar FREIRE, João B. (1991).

pedagógicas inovadoras, reformadoras e revolucionárias que propunham, cada qual ao seu modo, a socialização, através da escola, dos conteúdos presentes nos currículos das diversas áreas do conhecimento de tal forma que a apropriação daqueles conhecimentos contribuísse para a formação de indivíduos autônomos, competentes e, acima de tudo, construtores de uma nova sociedade, sem explorados e exploradores.

Impactada por esses novos ventos, a Educação Física, também, não fugiu à regra. Divergências à parte, um número expressivo de professores que retornavam de seus estudos de pós-graduação fora do país, juntamente com outros que fincaram trincheiras em território brasileiro, constituiu o que D'Alolio (1998) chamou de Movimento Renovador da Educação Física.

Alguns mais alinhados ao marxismo, enquanto outros norteados, teoricamente, pelos pensamentos de Gramsci, todos tinham em comum a contestação radical da concepção biologicista da Educação Física, predominante nas décadas de 1970 e 1980 e encarnada pelo paradigma da aptidão física.

Em contraponto ao modelo hegemônico e vigente até então, defendiam uma Educação Física que incorporasse o caráter cultural do movimento humano, ou seja, que assumisse a tarefa de socializar, como área de conhecimento e disciplina escolar, os conhecimentos construídos culturalmente e historicamente pela humanidade no âmbito das práticas corporais e lúdicas. Para caracterizar esse novo paradigma, novas expressões foram cunhadas por autores (de forma individual ou através de produções coletivas), expressões essas que pretendiam traduzir diferentes formas de entendimento sobre o campo de conhecimento da Educação Física escolar, mas, também, revelavam (e continuam revelando) a disputa por uma hegemonia no pensamento acadêmico da

Educação Física à época e que permanece até os dias de hoje. A partir de então, passamos a conviver com denominações como: Cultura Corporal (Coletivo de Autores, 1992), Cultura Corporal de Movimento (Betti, 1991 & Bracht, 1996) e Cultura Corporal do Movimento Humano (Gaya, 2009), todas intencionando demarcar o campo de conhecimento da Educação Física escolar.

Nesse sentido, um plano de ensino de Educação Física balizado por esse paradigma deveria contemplar unidades de ensino que tematizassem os conteúdos culturais da área, quais sejam: os jogos, os esportes, as danças, as lutas, as ginásticas, etc. Mas como seriam organizadas as aulas de Educação Física ancoradas por essa concepção teórico-metodológica?

De maneira geral, os adeptos dessa concepção de Educação Física têm defendido a elaboração de planos de ensino e a organização de aulas que: 1) valorizem os repertórios cultural, lúdico e motor dos alunos; 2) contextualizem os conhecimentos específicos do campo da Educação Física, ou seja, não os abordando de maneira isolada das questões sociais, políticas, econômicas e culturais; 3) compreendam o conhecimento como provisório e dinâmico, descartando, dessa forma, uma compreensão de desenvolvimento motor, intelectual/emocional etapista e segmentado; e 4) entendam a avaliação da aprendizagem como forma de inclusão e não de classificação dos alunos.

Partindo de uma análise aligeirada, certamente vamos identificar avanços consideráveis dessa concepção de Educação Física se comparada ao paradigma da aptidão física, hegemônico até meados dos anos 1980.

Mas por que chamamos de “análise aligeirada”?

Pois bem, é importante destacar que estamos tratando de uma polêmica que já persiste há,



pelo menos, duas décadas e meia no campo educacional e, especificamente, no âmbito da Educação Física: qual seria o estatuto epistemológico da Educação Física escolar?

Detalhando mais a referida polêmica: **quais são e como devem ser tratados pedagogicamente os conhecimentos específicos dessa disciplina na Educação Básica?**

As críticas mais comuns a esse paradigma (Cultura Corporal e similares), cunhado a partir dos anos 1990, referem-se às dificuldades de serem traduzidos em práticas pedagógicas factíveis os objetivos traçados por seus idealizadores. Temos constatado, há alguns anos, por intermédio de pesquisas e estudos presentes em artigos acadêmicos e livros, que poucas foram as mudanças ocorridas no “chão das escolas” (ou seria melhor no “chão das quadras”?) no que diz respeito às metodologias e aos conteúdos selecionados pelos professores de Educação Física em suas ações pedagógicas cotidianas (Caparroz, 2001 e Kunz, 2006).

Continuamos a ver nos anos finais do Ensino Fundamental planejamentos que dão exclusividade ao conteúdo “esporte” (tradicionalmente, os mesmos: futebol ou futsal, voleibol, handebol e basquetebol). Para além da exclusividade, constatamos, também, a repetição dos mesmos conteúdos e da forma como são tratados nos diversos anos que compõem esse segmento da Educação Básica e, igualmente, no Ensino Médio.

Nesse sentido, a seleção criteriosa dos conteúdos a serem socializados nesses períodos escolares e a organização dos mesmos de maneira que respeitem as condições sociais, mas, também, as fases de desenvolvimento dos educandos, apesar de essenciais, encontram-se, atualmente, presentes somente nas iniciativas individuais de alguns professores em suas próprias instituições, ou em equipes de professores

de algumas poucas escolas, ou, ainda, em algumas escolas que pertencem a redes de ensino privado que adotam organizações curriculares próprias.

É preciso reconhecer que alguns esforços têm sido feitos por redes de ensino públicas estaduais e municipais em nosso país na direção da construção de diretrizes curriculares da Educação Física. Os últimos dez anos são emblemáticos para comprovar iniciativas de diversas secretarias de educação com esse objetivo, qual seja o de organizar e estruturar o ensino da disciplina de Educação Física, especialmente no Ensino Fundamental e Médio<sup>2</sup>.

Contudo, no rastro dessas iniciativas, temos encontrado um conjunto considerável de listas de conteúdos agrupados e organizados por anos escolares sem terem uma concepção teórico-metodológica que os sustentem. O rebatimento desses equívocos no conjunto de professores que estão no cotidiano das escolas somente tem reforçado um fazer pouco criativo e, ainda, bastante desprovido de consistência epistemológica.

Voltando às diferenças dos paradigmas que marcaram (e marcam) a trajetória da disciplina de Educação Física na história da Educação brasileira, é importante ressaltar que as severas críticas adotadas ao modelo da aptidão física pelo então Movimento Renovador da Educação Física e consolidadas pela grande maioria dos teóricos que se reuniram em torno do paradigma da Cultura Corporal (é sempre bom lembrar que não sem grandes divergências internas) trouxeram, sem dúvida, muitas contribuições para o campo da Educação Física como área de conhecimento. Entretanto, contribuíram, também, para que toda e qualquer proposta pedagógica que valorizasse conteúdos

2. São raros os exemplos de diretrizes que incorporam a Educação Infantil nessas iniciativas.

do campo da Biologia ou mesmo da promoção da saúde (tradicionalmente chamados de biologicistas) fosse tratada como retrógrada ou alinhada a um passado que precisava ser superado.

Se é verdade que o modelo da aptidão física predominante nas aulas de Educação Física nos anos 1970 e 1980 não estava amparado cientificamente e era mais excludente do que inclusivo (pois privilegiava os que eram dotados, independentemente da Educação Física escolar, de bom condicionamento físico, cardiorrespiratório e cardiovascular, entre outros), é verdade, também, que essa disciplina adquiriu, com o passar dos anos, o status social de ser, na escola, a principal responsável pela promoção da saúde de crianças, adolescentes e jovens.

Nesse sentido, encontramos-nos, há muitos anos, de frente para um contrassenso: ao mesmo tempo que temos uma responsabilidade social e educativa de sermos um dos principais responsáveis pela socialização de conhecimentos no âmbito da promoção da saúde, temos, historicamente, negado essa responsabilidade.

Portanto, por acompanhar e vivenciar, há muitos anos, esses que se podem chamar de “dilemas da Educação Física”, é que, como consultor da série *Quem Disse que Estou Só Brincando?*, apresento um conjunto de cinco programas que se propõem a abordar, de forma transversal, conteúdos/conhecimentos do universo da Educação Física (considerando a questão apresentada anteriormente: “(...) quais são e como devem ser tratados pedagogicamente os conhecimentos específicos da Educação Física na Educação Básica?”), mas que não têm aparecido, com a frequência devida, nos planejamentos de ensino dos professores responsáveis por esse componente curricular nas escolas da Rede Municipal de Ensino.

## Referências bibliográficas

BETTI, M. *Educação Física e Sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991.

BOURDIEU, P. *Razões Práticas: Sobre a Teoria da Ação*. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas (SP): Papyrus, 1996.

BRACHT, V. Educação Física no 1º Grau: Conhecimento e Especificidade. In: *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, supl. 2, p. 23-28, 1996.

CAPARROZ, F. E. *O Esporte como Conteúdo da Educação Física: Uma “Jogada Desconcertante” que Não “Entorta” Só Nossas “Colunas”, mas Também Nossos Discursos*. In: EnFEFE, 5., 2001, Niterói (RJ). *Anais... Niterói (RJ)*: UFF, Departamento de Educação Física e Desportos, 2001.

CASTELLANI FILHO, L. *Educação Física no Brasil: A História que Não Se Conta*. Campinas (SP): Ed. Papyrus, 1988.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

DAOLIO, J. *Educação Física Brasileira: Autores e Atores da Década de 1980*. Campinas (SP): Ed. Papyrus, 1998.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GAYA, A. *Educação Física: A Vertente Pedagógica da Cultura Corporal do Movimento Humano ou 100 Parágrafos em Defesa da Formação Única: Subsídios para o Debate sobre a Reformulação Curricular na EsEF-UFRGS*. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.graduacao.univasf.edu.br/atividadefisica/arquivos/Texto%20Adroaldo%20Gaya.pdf>.

KUNZ, E. *Transformação Didático-Pedagógica do Esporte*. 7. ed. Ijuí(RS): Unijuí, 2006.

LAPIERRE, André; AUCOUTURIER, Bernard. *Fantasmas Corporais e Práticas Psicomotoras*. São Paulo: Manole, 1984.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da Escola Pública: A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos*. 18. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

PERRENOUD, Philippe (1998). *Formação Contínua e Obrigatoriedade de Competências na Profissão de Professor*. Tradução de Luciano Lopreto. Disponível em: [http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php\\_main/php\\_1998/1998\\_48.html](http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_1998/1998_48.html).

PIAGET, J. *A Formação do Símbolo na Criança: Imitação, Jogo e Sonho, Imagem e Representação*. Tradução de Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

SAVIANI, D. *Escola e Democracia*. 32. ed. Campinas (SP): Autores Associados, 1999.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia Histórico-Crítica: Primeiras Aproximações*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

TUBINO, M.; MOREIRA, S. B. *Metodologia Científica do Treinamento Desportivo*. São Paulo: Ed. Shape, 2003.





**Diretoria do Núcleo de  
Publicações e Impressos**

Regina Protasio

**Assessoria Editorial**

Denise das Chagas Leite

**Consultoria e Conteúdo**

Luiz Otavio Neves Mattos

**Colaboração**

Lavínia Portella

**Revisão**

Jorge Eduardo Machado

**Assessoria de Artes  
Gráficas e Animação**

Marcelo Salerno

**Gerência de Artes Gráficas**

Ana Cristina Lemos

**Projeto Gráfico**

Aloysio Neves

**Editoração**

Bernardo Schorr

**Desenhos**

Diego Luis

Eduardo Duval

Frata Soares

**Cores das Ilustrações**

André Leão

Diego Luis

Frata Soares

**Produção Gráfica**

Maria Clara Costa

**Impressão:**

WalPrint Gráfica e Editora

**Tiragem:**

5.600 exemplares

**Novembro 2011**

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-60354-15-3



9 788560 354153

**MULTIRIO - Empresa Municipal de Multimeios Ltda.**

Largo dos Leões, 15 • Humaitá • Rio de Janeiro/RJ • Brasil • CEP 22260-210

Tel.: (21) 2976-9432 • Fax: (21) 2535-4424

[www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br) • [ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br](mailto:ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br)